

MESTRADO
HISTÓRIA DA ARTE, PATRIMÓNIO E CULTURAL VISUAL

As Tecnologias Digitais Imersivas aplicadas à Comunicação do Património Cultural: Desvendar Viseu - o Rossio de Santa Cristina

Laura Fabíola Esteves Pereira Soares
Marques

M

2018

Volume II



Laura Fabíola Esteves Pereira Soares Marques

**As Tecnologias Digitais Imersivas aplicadas à Comunicação do
Património Cultural:
*Desvendar Viseu - o Rossio de Santa Cristina***

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura
Visual, orientada pela Professora Doutora Maria Leonor Botelho.

Volume II

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

setembro de 2018

Sumário

Apêndices	351
Apêndice 1	352
Apêndice 2	362
Apêndice 3	367
Apêndice 4	374
Apêndice 5	405
Apêndice 6	414
Apêndice 7	432
Apêndice 8	444
Apêndice 9	458

Índice de apêndices

Apêndice 1 - Listagem dos Registos Pictóricos da Cidade de Viseu disponíveis no MatrizNet.

Apêndice 2 - Listagem da Documentação Cartográfica da Cidade de Viseu.

Apêndice 3 - Listagem dos Registos Fotográficos da Cidade de Viseu disponíveis no Centro Português de Fotografia.

Apêndice 4 - Listagem dos Registos Fotográficos da Cidade de Viseu disponíveis no Espólio Fotográfico Português.

Apêndice 5 - Tabela sistematizadora da História do Rossio de Santa Cristina.

Apêndice 6 - *Storyboard* do Protótipo Videográfico para o Rossio de Santa Cristina.

Apêndice 7 - Ficha Informativa para a Reconstituição Digital da Capela de Santa Cristina / Santo Amaro.

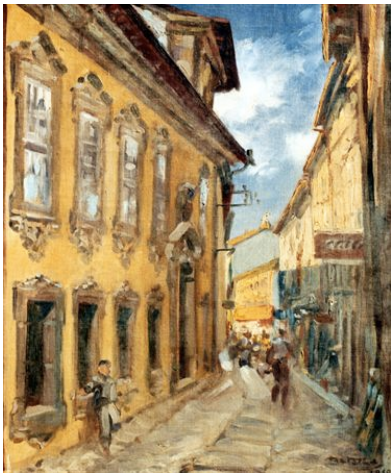
Apêndice 8 - Ficha Informativa para a Reconstituição Digital da Porta do Senhor Crucificado da Muralha Quatrocentista.

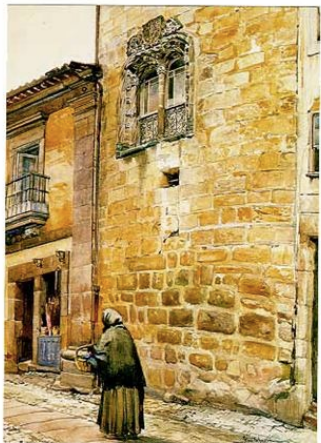
Apêndice 9 - Mapa Ilustrativo da História Urbana Viseense.

Apêndices

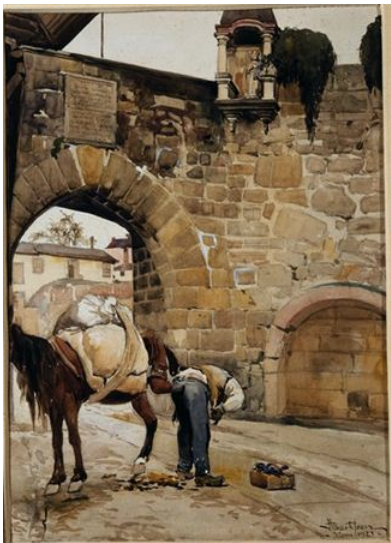
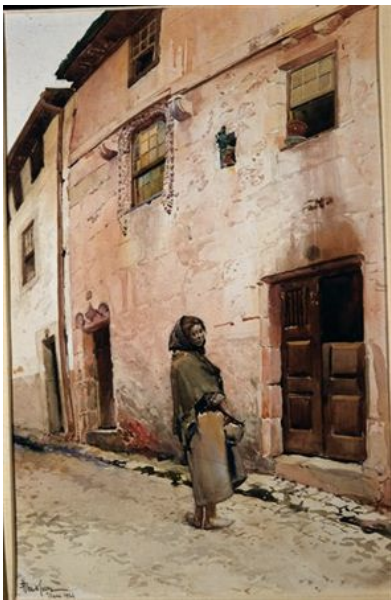
Apêndice 1 - Listagem dos Registos Pictóricos da Cidade de Viseu disponíveis no MatrizNet.

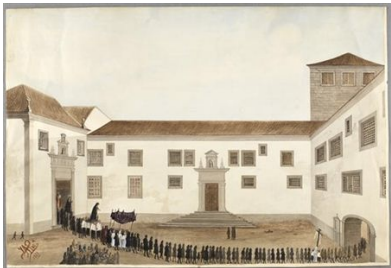
PRÉ-VISUALIZAÇÃO	AUTOR	DESIGNAÇÃO	ANO	CARATERÍSTICAS	Nº INV	ACESSO
MUSEU NACIONAL GRÃO VASCO						
	Rebelo, Domingos (1891-1971)	Paisagem de Viseu	1946	Lápis preto e lápis de cera sob papel altura: 38,7 cm largura: 53,2 cm	1649	http:// www.matriznet.dg pc.pt/MatrizNet/ Objectos/ ObjectosConsultar. aspx? IdReg=206613
	Almeida e Silva, José de	Azenhas do Pavia	1911	Óleo sob Tela altura: 45 cm largura: 58 cm	2276	http:// www.matriznet.dg pc.pt/MatrizNet/ Objectos/ ObjectosConsultar. aspx? IdReg=207983
	Lopes, Joaquim Francisco	Jardim Antigo - Marzovelos	1921	Óleo sob Tela altura: 57 cm largura: 80,5 cm	2314	http:// www.matriznet.dg pc.pt/MatrizNet/ Objectos/ ObjectosConsultar. aspx? IdReg=208549

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	AUTOR	DESIGNAÇÃO	ANO	CARATERÍSTICAS	Nº INV	ACESSO
	Batalha, António	A minha Rua	1950	Óleo sob Tela altura: 46 cm largura: 39 cm	2379	http:// www.matriznet.dg pc.pt/MatrizNet/ Objectos/ ObjectosConsultar. aspx? IdReg=209340
	Almeida e Silva, José de	Quinta de São Miguel - Viseu	1907	Óleo sob Madeira altura: 21 cm largura: 26,5 cm	2390	http:// www.matriznet.dg pc.pt/MatrizNet/ Objectos/ ObjectosConsultar. aspx? IdReg=208922

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	AUTOR	DESIGNAÇÃO	ANO	CARATERÍSTICAS	Nº INV	ACESSO
	Sousa, Alberto Augusto de (1880-1961)	Janela da Casa de D. Duarte - Viseu	1921	Aguarela sob Cartão altura: 53,5 cm largura: 36,5 cm	2646	http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=207946
	Sousa, Alberto Augusto de (1880-1961)	O Mercado da Praça	1921	Aguarela sob Cartão altura: 53,5 cm largura: 38 cm	2647	http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=208010

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	AUTOR	DESIGNAÇÃO	ANO	CARATERÍSTICAS	Nº INV	ACESSO
	Sousa, Alberto Augusto de (1880-1961)	Interior da Catedral de Viseu	1921	Aguarela sob Cartão altura: 58 cm largura: 45,5 cm	2648	http:// www.matriznet.dg pc.pt/MatrizNet/ Objectos/ ObjectosConsultar. aspx? IdReg=207913
	Victorino, António (1891-?)	Interior da Sé de Viseu	XIX - XX	Cartão sob Aguarela altura: 59 cm largura: 46,5 cm	2681	http:// www.matriznet.dg pc.pt/MatrizNet/ Objectos/ ObjectosConsultar. aspx? IdReg=208291

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	AUTOR	DESIGNAÇÃO	ANO	CARATERÍSTICAS	Nº INV	ACESSO
	Sousa, Alberto Augusto de (1880-1961)	A Porta dos Cavaleiros - Viseu	1921	Aguarela sob Cartão altura: 37 cm largura: 26,5 cm	2649	http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=207976
	Sousa, Alberto Augusto de (1880-1961)	Rua Escura - Viseu	1921	Aguarela sob Cartão altura: 50,5 cm largura: 33,5 cm	2650	http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=207968

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	AUTOR	DESIGNAÇÃO	ANO	CARATERÍSTICAS	Nº INV	ACESSO
	Pereira, António José (1821-1895)	Largo de Santa Cristina - Viséu	XIX	Aguarela sob Papel altura: 41cm largura: 69 cm	2673	http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=209358
	Pereira, António José (1821-1895)	Procissão no Convento de Jesus, das Freiras de São Bento	1921	Aguarela sob Papel altura: 46,4 cm largura: 68,3 cm	2674	http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=209052

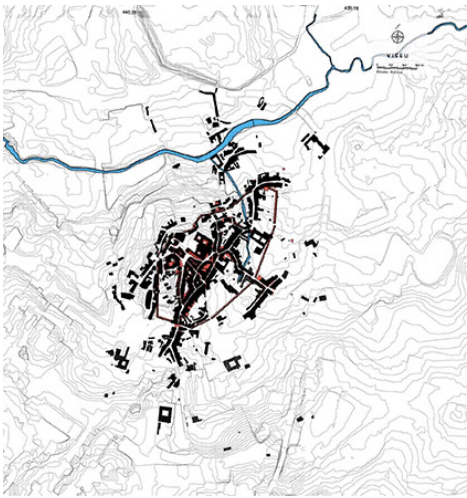
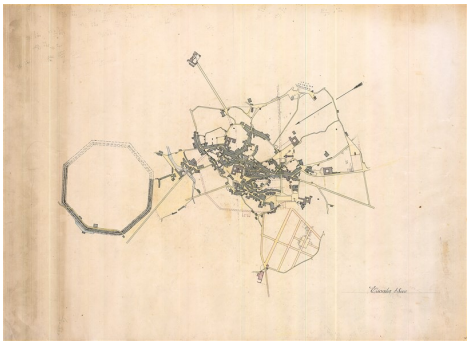
PRÉ-VISUALIZAÇÃO	AUTOR	DESIGNAÇÃO	ANO	CARATERÍSTICAS	Nº INV	ACESSO
	Almeida e Silva, José de	Praça de Camões - Viseu	1917	Aguarela sob Papel altura: 44 cm largura: 29 cm;	2679	http:// www.matriznet.dg pc.pt/MatrizNet/ Objectos/ ObjectosConsultar. aspx? IdReg=208205
	Leal, Belmiro (Séc. XIX)	As Traseiras da Sé de Viseu	XIX	Aguarela sob Papel altura: 26,5 cm largura: 18,2 cm	2709	http:// www.matriznet.dg pc.pt/MatrizNet/ Objectos/ ObjectosConsultar. aspx? IdReg=209503

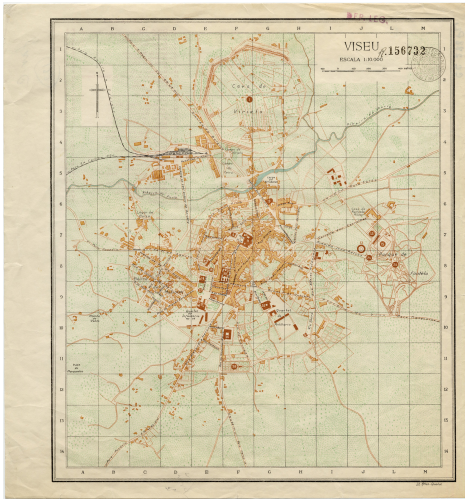
PRÉ-VISUALIZAÇÃO	AUTOR	DESIGNAÇÃO	ANO	CARATERÍSTICAS	Nº INV	ACESSO
	Carmo, Jorge	As Traseiras da Sé de Viséu	1982	Tinta da china e aguarela sob Papel	2715	http:// www.matriznet.dg pc.pt/MatrizNet/ Objectos/ ObjectosConsultar. aspx? IdReg=209024

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	AUTOR	DESIGNAÇÃO	ANO	CARATERÍSTICAS	Nº INV	ACESSO
	Pereira, José Augusto (1863-1950)	Largo António José Pereira - Viseu	XIX - XX	Aquarela sob Papel altura: 39 cm largura: 22 cm	2725	http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=208210
MUSEU JOSÉ MALHOA						
	Rebelo, Domingos (Ponta Delgada, 1891 - 1971)	Viseu	C. 1960	Xilogravura em Papel altura: 42,5 cm largura: 55 cm	Des 85	http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=42342

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	AUTOR	DESIGNAÇÃO	ANO	CARATERÍSTICAS	Nº INV	ACESSO
	Sousa, José de (1897-1987)	Altar da Igreja dos Terceiros - Viseu	c. 1929	Têmpera sob Papel altura: 55 cm largura: 39 cm	Pin 97	http:// www.matriznet.dg pc.pt/MatrizNet/ Objectos/ ObjectosConsultar. aspx? IdReg=42943

Apêndice 2 - Listagem da Documentação Cartográfica da Cidade de Viseu

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO, DIMENSÕES E AUTORIA	DATA	LOCALIZAÇÃO / COTA
	Planta Topográfica de Viseu	1864	Desconhecido
	Planta da Cidade de Viseu	XIX	Arquivo Municipal de Viseu

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO, DIMENSÕES E AUTORIA	DATA	LOCALIZAÇÃO / COTA
	Planta da Cidade de Viseu Escala 1:10000. - 29,70x25,80 Queluz : Lit. Atlas, [19—]	19—	Biblioteca Nacional de Portugal cc-288-p2
	Planta da Cidade de Viseu [Escala não determinada] 80 x 60,7 cm Queluz : Lit. Atlas, [19—]	1940 e 1950?	Biblioteca Nacional de Portugal d-97-r (cópia interna)

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO, DIMENSÕES E AUTORIA	DATA	LOCALIZAÇÃO / COTA
	Carta militar de Portugal [Material cartográfico] : Viseu sul / fl.189 53x68 cm por Serviços Geográficos do Exército	[1945]	FLUP (nº do sistema 000732291) DGM-2/91-exp.1
	Carta militar de Portugal [Material cartográfico] : Viseu / fl.178 53x68 cm por Serviços Geográficos do Exército	[1945]	FLUP (nº do sistema 000732244) DGM-2/80-exp.1
	Viseu [Material cartográfico] 64x51 cm por Serviço Cartográfico do Exército	1967	FLUP (nº do sistema 000786123) MAP/ArqPb/250k4e2 ex.1 COLECÇÃO Carta militar de Portugal 1:250 000 . Continente, Série M586 ; f. 4

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO, DIMENSÕES E AUTORIA	DATA	LOCALIZAÇÃO / COTA
	Carta militar de Portugal [Material cartográfico] : Viseu fl.178 53x68 cm por Serviços Cartográficos do Exército.	1987	FLUP (nº do sistema 000732245) DGM-2/80-exp.2 COLECÇÃO Série M 888
	Viseu [Material cartográfico] 64x51 cm por Instituto Geográfico do Exército	1998	FLUP (nº do sistema 000710638) MAP/ArqPb/250k4e3 ex.2 COLECÇÃO Carta militar de Portugal 1:250 000 . Continente, Série M586 ; f. 4
	Carta militar de Portugal [Material cartográfico] : Viseu-Sul fl.189 53x68 cm por Instituto Geográfico do Exército.	1999	FLUP (nº do sistema 000732360) DGM-2/91-exp.3 COLECÇÃO Série M 888

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO, DIMENSÕES E AUTORIA	DATA	LOCALIZAÇÃO / COTA
	Carta militar de Portugal [Material cartográfico] : Viseu fl.178 53x68 cm por Instituto Geográfico do Exército	2000	FLUP (nº do sistema 000732275) DGM-2/80-exp.3 COLECÇÃO Série M 888

Apêndice 3 - Listagem dos Registos Fotográficos da Cidade de Viseu disponíveis no Centro Português de Fotografia.

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	COLECÇÃO	COTA
	Vista Geral de Viseu	1907 1908	MORAES, J. A. Cunha - A Arte e a Natureza em Portugal. Vol. 8. Emilio Biel	CNF/CALVB/0026/000014
	Sé de Viseu	1907 1908		CNF/CALVB/0026/000015

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	COLECÇÃO	COTA
	Sé de Viseu	1907 1908		CNF/CALVB/0026/000016
	Sacristia da Sé de Viseu	1907 1908		CNF/CALVB/0026/000017
	Viseu (dependências do banco de Portugal?)	1930 1950		CNF/CALVB/0026/000007

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	COLECÇÃO	COTA
	Interior da Sé de Viseu	1920 1950	FOTOGRAFIA ALVÃO	PT/CPF/AVL/011887
	Claustro da Sé de Viseu	1920 1950		PT/CPF/AVL/011888
	Claustro da Sé de Viseu	1934 1967		PT/CPF/AVL/011889
	Panorâmica de Viseu Parte 1	1934 1967		PT/CPF/AVL/014251-53
	Vista da Cidade de Viseu vendo-se a Sé	1934 1967		PT/CPF/AVL/014255-56 PT/CPF/AVL/014298
	Liceu de Viseu	1940 1960		PT/CPF/AVL/015738 PT/CPF/AVL/015746
	Viseu (grupo junto à estátua de luis de camões na praça de camões)	10 06 1951	Passeio da Cidla	CNF/CALVB/0026/000930
	Vista do Largo Major Teles, Viseu	1981	Edwald Rüffer	CPF/RUF/001/0004/001812
	Praça da República, Viseu	1981		CPF/RUF/001/0004/001813-14
	Avenida, Viseu	1981		CPF/RUF/001/0004/001815
	Mercado de Rua, Viseu	1981		CPF/RUF/001/0004/001816
	Vendedora de Queijos e Produtos Regionais em Mercado de Rua, Viseu	1981		CPF/RUF/001/0004/001817

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	COLECÇÃO	COTA
	Exposição de Rua de Pipas para Armazenamento de Vinho e de Material Agrícola	1981	Edwald Rüffer	CPF/RUF/001/0004/001818
	Venda de Peixe e de Outros Produtos em Mercado de Rua, Viseu	1981		CPF/RUF/001/0004/001819
	Mulher a Lavar Roupa no Rio acompanhada de Crianças, Viseu	1981		CPF/RUF/001/0004/001821
	Vista Geral de Viseu	1981		CPF/RUF/001/0004/001822
	Vista de Geral de Viseu vendo-se a Sé Catedral	1981		CPF/RUF/001/0004/001823-24
	Arcos dos Melos, Viseu	1981		CPF/RUF/001/0004/001825
	Capela da Nossa Senhora dos Remédios, Viseu	1981		CPF/RUF/001/0004/001826
	Vista da Igreja da Misericórdia e do Largo da Sé Catedral, Viseu	1981		CPF/RUF/001/0004/001827
	Vista da Sé Catedral e Museu Grão Vasco, Viseu	1981		CPF/RUF/001/0004/001828
	Vista de Praça D. Duarte, Viseu	1981		CPF/RUF/001/0004/001829
	Torre da Sé vista da Praça D. Duarte, Viseu	1981		CPF/RUF/001/0004/001830

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	COLECÇÃO	COTA
	Vista da Igreja da Misericórdia e Espaço Envolvente, Viseu	1981		CPF/RUF/001/0004/001831
	Movimento de Pessoas na Rua Direita, Viseu	1981		CPF/RUF/001/0004/001832
	Movimento de Pessoas na Rua Senhora da Piedade, Viseu	1981		CPF/RUF/001/0004/001833
	Casario Viseu	1981		CPF/RUF/001/0004/001834
	Fachada da Casa de Pasto Coutoense, Viseu	1981		CPF/RUF/001/0004/001835
	Homem ao Balcão da Pensão Rossio, Viseu	1981		CPF/RUF/001/0004/001841
	Vista do Parque Aquilino Ribeiro e Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, Viseu	1981		CPF/RUF/001/0004/001843
	Vista Geral de Viseu Vendo-se a Sé Catedral	1981		CPF/RUF/001/0004/001844
	Catedral de Santa Maria de Viseu	1955 1992	Estúdio Tavares de Fonseca, Lda	CPF/TAV/VA/0066/000001

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	COLECÇÃO	COTA
	Catedral de Santa Maria de Viseu	1955 1992		CPF/TAV/VA/0066/000002
	Viseu	1955 1992		CPF/TAV/VA/0066/000003
	Viseu	1955 1992		CPF/TAV/VA/0066/000004

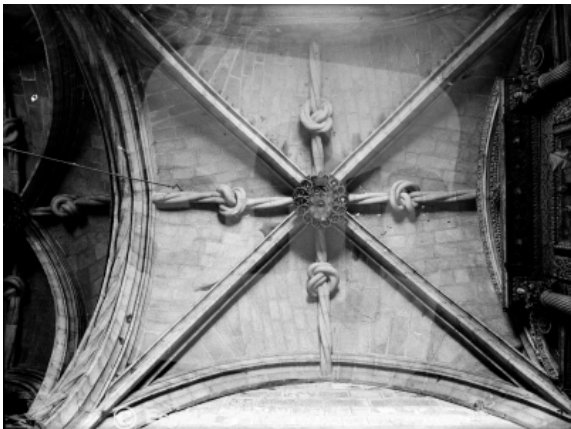
PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	COLECÇÃO	COTA
	Cathedrale de Vizeu	1926	Colecção Alcídia e Luis Viegas Belchior Voyage en Espagne et Portugal, Juin 1926	CPF/CNF-CALVB/0053/000046
	Vente de Boeufs - Vizeu	1926		CPF/CNF-CALVB/0053/000047
	Vente de Boeufs - Vizeu	1926		CPF/CNF-CALVB/0053/000048
	Cathedrale de Vizeu	1926		CPF/CNF-CALVB/0053/000049
	Museu de Viseu	1957	Manuel Pinheiro da Rocha	CPF/MPR/0034/000588
				CPF/MPR/0034/000589
				CPF/MPR/0034/000590
				CPF/MPR/0034/000591
	Posse do Governador Civil	1957		0035/000592-604
	227 doc negativos (não disponíveis ao público)	1944-1961	Manuela de Mendonça	PT/CPF/ADM-MDM

Apêndice 4 - Listagem dos Registos Fotográficos da Cidade de Viseu disponíveis no Espólio Fotográfico Português.

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
	Frontaria da Sé	1935	#FDM00587
	Interior da Sé	1935	#FDM00588

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
 © Espólio Fotográfico Português	Museu Grão Vasco Interior	1935	#FDM00589

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
	Interior da Sé	1935	#FDM00590

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
 © Espólio Fotográfico Português	Interior da Sé	1935	#FDM00591
	Abobada da Sé	1935	#FDM00592

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
 © Espólio Fotográfico Português	Casa do Miradouro na Rua Direita	1935	#FDM00593
 © Espólio Fotográfico Português	Claustro da Sé	1935	#FDM00594

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
	Praça Mouzinho de Albuquerque	1935	#FDM00599

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
	Porta do Soar / São Francisco	1955	#FDM03214

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
	Porta do Soar	1955	#FDM03215

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
	Porta do Soar	1955	#FDM03216
	Porta dos Cavaleiros	1955	#FDM03217 #FDM03218

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
	Estátua no Largo Mouzinho de Albuquerque	1955	#FDM03219 #FDM03220

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
 © Espólio Fotográfico Português	Estátua do Bispo Alves Martins	1955	#FDM03221

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
	Adro da Sé	1955	#FDM03222
	Praça D. Duarte com Estátua de Luís Vaz de Camões	1955	#FDM03223

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
	Igreja dos Terceiros de São Francisco / Fachada de António Mendes Coutinho / Jardim Tomás Ribeiro	1935	#FDM03233
	Ponte da Azenha	1935	#FDM03234

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
 © Espólio Fotográfico Português	Porta do Soar	1935	#FDM03235
 © Espólio Fotográfico Português	Mercado	1935	#FDM03236

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
	Jardim Tomás Ribeiro / Igreja dos Terceiros de São Francisco	1935	#FDM03237
	Ponte da Azenha	1935	#FDM03238 #FDM03239

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
 © Espólio Fotográfico Português	Mercado	1935	#FDM03240
 © Espólio Fotográfico Português	Adro da Sé	1935	#FDM03241

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
	Estátua do Bispo Alves Martins	1935	#FDM03242

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
 © Espólio Fotográfico Português	Interior Museu Grão Vasco	1958	#FDM04634 #FDM04635
 © Espólio Fotográfico Português	Claustro do Museu Grão Vasco	1958	#FDM04636 #FDM04637

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
	Interiores do Museu Grão Vasco	1930-1958	#FDM04641-77

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
	Banco de Portugal	1935	#FDM03415
	Grande Hotel Central	1935	#FDM03418

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
 © Espólio Fotográfico Português	Banco de Portugal	1935	#FDM03419
 © Espólio Fotográfico Português	Vista Geral de Viseu	1949	#FDM00599

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
	Vista Geral de Viseu	1949	#FDM00600
	Estrada de Aguiar da Beira_ Viseu tomada do Forte	1952	#FDM00689

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
	Casa do Cimo de Vila	1945	#FDM01204
	Bairro de Massorim	1955	#FDM01840

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
 © Espólio Fotográfico Português	Praça da República	1935	#FDM01876
 © Espólio Fotográfico Português	Praça Major Teles e Praça da República	1935	#FDM01879

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
	Porta do Sr. Crucificado tomada da Torre da Igreja do Carmo	1935	#FDM01880
	Vista Geral tomada da Regência Agrícola	1935	#FDM01881

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
 © Espólio Fotográfico Português	Vista parcial tomada da Igreja do Carmo	1935	#FDM01883
 © Espólio Fotográfico Português	Praça da República tomada da Torre	1935	#FDM01884

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
	Largo Major Teles	1935	#FDM01887
	Largo Major Teles	1935	#FDM01888

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
 © Espólio Fotográfico Português	Largo Major Teles	1935	#FDM01889
 © Espólio Fotográfico Português	Largo Major Teles	1935	#FDM01890

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
 © Espólio Fotográfico Português	Largo Major Teles	1935	#FDM01891
 © Espólio Fotográfico Português	Largo Major Teles	1935	#FDM01892

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
 © Espólio Fotográfico Português	Rua Formosa	1935	#FDM01893
 © Espólio Fotográfico Português	Praça da República	1935	#FDM01895

PRÉ-VISUALIZAÇÃO	DESIGNAÇÃO	ANO	REFERÊNCIA
 © Espólio Fotográfico Português	Rua Alberto Sampaio	1935	#FDM01896
 © Espólio Fotográfico Português	Vista Geral tomada da Regência Agrícola	1935	#FDM01897

Apêndice 5 - Tabela sistematizadora da História do Rossio de Santa Cristina.

DADOS ÉPOCA	GERAL	BENS CULTURAIS E CARACTERÍSTICAS		
		MURALHAS ROMANAS	CAPELA DE SANTA CRISTINA / AMARO	PORTA DO SENHOR CRUCIFICADO
PROTO – HISTÓRIA	Sem dados concretos sobre qualquer presença humana neste local. O único elemento que diferenciaria o local era o curso de água que nascia na encosta do Cerrado, referido como ribeira de Santa Cristina, encanada em meados do século XX. Nas imediações do curso desta ribeira, na zona da regueira, mais propriamente na rua do Gonçalves, encontraram-se em 1999 vestígios do piso de uma habitação datável da II Idade do Ferro, deduzindo-se uma presença humana na baixa da cidade.			
ROMANA	Início da intervenção humana no local com o assentamento romano na baixa da Regueira, a zona composta pelo final do <i>decumanus maximus</i>, a rua do Gonçalves, e o cardo minor da atual rua João Mendes. Sabe-se ter sido uma zona urbanizada devido aos vestígios de <i>insulae</i> descobertos na rua da Prebenda. O Rossio de Santa Cristina sabe-se que seria constituído por dois espaços distintos, um intramuros e outro extramuros. Quanto ao espaço intramuros só se pode deduzir que dependesse da rua João Mendes (da Regueira), se o troço de muralha que a encerrava teria uma porta para o espaço extramuros do Rossio. Nas imediações do Rossio, na zona confrontante do Cerrado, erguer-se-ia a necrópole sul da cidade, associada à porta que existiria algures entre a rua Direita e a rua dos Andrades na extremidade sul do <i>cardo maximus</i>, a rua Direita, e, talvez, também a uma porta na Regueira. Nas imediações do largo, próxima da igreja de São Miguel e da porta do <i>decumanus maximus</i> existia uma outra necrópole. Também existe a hipótese dos banhos da cidade serem nesta zona devido à presença da ribeira.	No período inicial do domínio romano sob o território de Viseu procedeu-se à construção de uma muralha, em concordância com o estatuto de civitas <i>Vissaium</i>, entre finais do século I e inícios do II d.C, que se entende mais honorífica do que defensiva, visto não haver qualquer ameaça ao poder imperial. Com as primeiras notícias de incursões bárbaras ao território do Império observa-se uma tendência geral a reformular os sistemas defensivos. A muralha baixo imperial de Viseu terá sido edificada certamente depois de 253 d.C, como atesta uma moeda de Magnêncio sem vestígios de prolongada circulação e encontrada numa camada selada sob a muralha. Os únicos vestígios que se conservam destas muralhas encontram-se, tanto os singelos silhares alto imperiais como o monumental torreão com 5 metros de diâmetro do baixo império.		

DADOS ÉPOCA	BENS CULTURAIS E CARACTERÍSTICAS				
	OUTROS				
PROTO – HISTÓRIA	RIBEIRA DE SANTA CRISTINA Nasceria na zona do Cerrado, na encosta de São Martinho, embora a localização concreta da nascente seja desconhecida. Seguiria um curso semelhante ao atual traçado da avenida Capitão Silva Pereira, até ao atual cruzamento da rua do Arco com a avenida Capitães, onde se juntava com o riacho do Fontelo, indo desaguar do rio Pavia algures no arrabalde da Ribeira. A designação mais antiga que se conhece é de rego do prado, havendo também referência a este como o rio merdeiro ou rio do bom nome. Este curso de água foi suprimido em meados do século XX, ao ser encanado para a abertura em 1955 da avenida Capitão Silva Pereira.	HABITAÇÃO NA RUA DO GONÇALINHO O povoamento da baixa da Regueira desde a proto-história, o que leva a crer que houvesse o mínimo de atividade humana no Rossio de Santa Cristina, é atestado pelo piso de cabana proto-histórico escavado no nº 15A da rua do Gonçalinho em 1999 sob a direção dos arqueólogos Maria Clara Portas Matias e Pedro Manuel Sobral de Carvalho.			
ROMANA	NECRÓPOLE SUL Segundo Alexandre Alves, tratar-se-ia da necrópole mais monumental da cidade e englobaria a encosta de São Martinho e a zona do Cerrado. Porém, esta afirmação torna-se difícil de confirmar atualmente visto que o destino dos vestígios encontrados na base desta teoria terão sido conservados no Seminário, embora não seja claro o destino que lhes foi dado.	RUA DA REGUEIRA A rua da regueira, atual rua João Mendes, seria um <i>cardo minor</i> da cidade romana, intramuros até à reformulação da muralha no Baixo Império. Cruzar-se-ia com o <i>decumanus maximus</i>, a atual rua do Gonçalinho, onde se abriria uma porta da muralha que dava acesso à estrada romana para <i>Centum Calle</i>, um troço da importante via Bracara Augusta - Emerita Augusta.			

DADOS ÉPOCA	GERAL	BENS CULTURAIS E CARACTERÍSTICAS		
		MURALHAS ROMANAS	CAPELA DE SANTA CRISTINA / AMARO	PORTA DO SENHOR CRUCIFICADO
BAIXA IDADE MÉDIA	Sem nenhum dado concreto quanto à continuidade do uso deste lugar até ao período subsequente \á reconquista. Durante o período das monarquias Sueva e Visigótica sabemos que terá permanecido como um espaço extramuros. As muralhas romanas ainda responderiam a uma função defensiva, o que se depreende à menção pós-reconquista aos muros velhos da Regueira. Deduz-se que, se subsistiram minimamente conservados aos regulares ataques à cidade por forças cristãs e forças islâmicas, teriam-se mantido minimamente conservadas no período antecedente durante as monarquias bárbaras. A presença da Ermida de Santa Cristina denuncia alguma relevância do local, desconhecendo-se a causa desse entendimento. Talvez relacionada com o fenómeno de sacralizar os espaços pagãos, deduzindo-se que ainda existissem alguns vestígios da necrópole romana.		Depreende-se que no final do domínio muçulmano a comunidade cristã que se manteve no território tenha procedido à edificação de uma pequena ermida neste espaço, mais especificamente no cruzamento da atual rua Dom António Alves Martins e a rua Dr. Azeredo Perdigão. Esta datação provém de um hagiotopónimo presente num documento de 1160 que esclarece o orago da ermida como sendo Santa Cristina. É neste documento que Anísio Saraiva baseia a classificação da ermida como moçárabe, porém Alexandre Alves defende não ser anterior ao séc. XV, talvez por desconhecer esta referência. É relevante mencionar que a ermida terá sido edificada com material romano reaproveitado, quer proveniente da necrópole como da muralha, de acordo com as descrições e fotografias de 1974 da capela-mor da capela, o corpo mais antigo do edifício, da autoria de Alexandre Alves.	
CONDADO E DINASTIA AFONSINA	Em concreto, nada se sabe se este sítio terá continuado a ser utilizado durante este período, e, se sim, desconhece-se que funções terá assumido para além da religiosa comportada pela ermida. Pode-se deduzir que já cumpriria alguma função agrícola, nomeadamente o cultivo de vinha e de oliveiras, visto que no século XV já era uma prática comum ali como atestam as cartas de empraçamento do arquivo do cabido da Sé Viseense. A partir das Inquirições de D. Teresa, sabe-se que pelo menos, ali existira um prado, visto o curso de água ser denominado <i>rego do prado</i>, denunciando uma possível função associada à pecuária.	Depreende-se que a muralha romana se manteria erecta nas imediações da Regueira de acordo com a referência a uns muros velhos na carta de doação do Couto da Regueira ao priorado da Diocese de Viseu, então ainda não restaurada, pelos Condes D. Henrique e D. Teresa. Não obstante, o nível de degradação dos muros terá agravado nos séculos consequentes visto que no século XIV a cidade já se encontrava desprovida de qualquer muro defensivo.	De acordo com Anísio Saraiva, a ermida não terá sido restaurada no período seguinte à reconquista cristã da cidade em 1058, entenda-se o período em que D. Sesnando esteve à frente do governo do território recém-conquistado (SARAIVA, 2010: 13). Não se encontraram vestígios nem referências documentais que atestem a permanência do culto na ermida durante a Alta Idade Média. No entanto, o edifício terá permanecido, mesmo que abandonado, até ao século XV quando volta a ser referido.	

DADOS ÉPOCA	BENS CULTURAIS E CARACTERÍSTICAS				
	OUTROS				
BAIXA IDADE MÉDIA					
CONDADO E DINASTIA AFONSINA					

DADOS ÉPOCA	GERAL	BENS CULTURAIS E CARACTERÍSTICAS		
		MURALHAS ROMANAS	CAPELA DE SANTA CRISTINA / AMARO	PORTA DO SENHOR CRUCIFICADO
DINASTIA DE AVIS E DUCADO	O século XV e XVI trariam uma nova dinâmica ao Rossio de Santa Cristina, tornando-se um rossio público e exponenciando a sua utilização comunitária. O terreno foi adquirido em 1510 pelo Corregedor Lopo Fernão de Azevedo como parte do projeto de dotar a cidade de mais passeios públicos. Em concreto, não se sabe que alterações o espaço terá sofrido mas, menos de uma década depois de acordo com Botelho Pereira, construía-se uma fonte pública. O cabido seria ainda detentor de algumas das propriedades confrontantes com o largo, como atestam as cartas de empraçamento congêneres, procedendo ao seu arrendamento a particulares maioritariamente para cultivo da vinha e de oliveiras (Castilho, 2017: 44). A edificação de uma porta da muralha confrontante com o largo denuncia que o acesso do Morro da Sé a este sítio era relevante de manter ininterrupto, assegurado pela rua da árvore, que cruzava com a rua Direita e era continuada pela atual rua Augusto Hilário até à antiga Praça do Concelho, a Praça D. Duarte. Ainda de referir é o embelezamento do largo a título privado, pelo Cônego Henriques de Lemos, ao erguer um cruzeiro com a intenção de reforçar a espiritualidade do largo em meados do século XVI. A motivação desta obra pública poderá ter estado relacionada com a construção da primitiva casa da família Lemos sob o pano de muralha nas imediações, que se pensa ter acontecido ainda no século XVI. Porém, é impossível de discernir se é anterior, posterior ou congénere ao cruzeiro.		A referência mais antiga à ermida, para além do hagiotopónimo ducentista, encontra-se numa carta de empraçamento de 1441 de acordo com Alexandre Alves. Refere a ermida em relação a um chão, que se sabe ser defronte da fonte medieval por uma outra carta de empraçamento de 1580, e a um olival, hoje reduzido a meia dúzia de oliveiras. Com base no documento quinhentista, Alexandre Alves defende que a ermida tenha sido edificada pouco antes. Teoria que entende ser corroborada pelas características estilísticas do arco triunfal e pela moeda de D. Afonso V encontrada nas imediações (Alves, 1975: 432/441). No entanto, será também possível que o antigo edifício da ermida tenha sofrido obras de beneficiação, das quais poderá resultar o arco triunfal quinhentista ou seiscentista. Crê-se que o corpo da capela seja igualmente resultado desta intervenção e, por isso, mais recente que a capela-mor, como Alexandre Alves nota, visto que esta se trataria do edifício original da ermida. Há a possibilidade de a mudança de orago, de Santa Cristina para Santo Amaro, tenha ocorrido no século XVI com a fundação do primeiro cenóbio beneditino na cidade, o Convento de Jesus, talvez introduzindo o culto a este santo beneditino.	A Porta do Senhor Crucificado era uma das sete portas da muralha quatrocentista de Viseu e constituía o acesso sudeste à cidade, tratando-se de uma das três portas secundárias destas. A sua edificação inclui-se na construção da muralha de Viseu, requerida pelo concelho e pela população desde meados do século XIV, mesmo antes dos saques de 1372 e de 1396. No entanto, só terá sido iniciada no último ano desse século, sendo a primeira notícia de trabalhos do início de 1401. Em meados desse século finalizam-se os primeiros troços nas imediações da Regueira, sensivelmente a atual rua João Mendes, e da antiga rua da Carvoeira, hoje rua do Carmo (Saraiva, 2009: 345). Visto estes dois troços serem aqueles em que se inseria a Porta do Senhor Crucificado, entende-se que também a porta já estaria concluída em meados do século XV. A nível funcional nunca foi defendida por motivos militares, nunca tendo a cidade sido atacada após a construção da muralha, mas foi fechada e vigiada durante os surtos de pestes, pelo menos no de 1577 (Vale, 1969).

DADOS ÉPOCA	BENS CULTURAIS E CARACTERÍSTICAS				
	OUTROS				
DUCADO E DINASTIA DE AVIS	FONTE MANUELINA	CRUZEIRO	CASA DOS LEMOS E SOUSA	QUINTA DO CERRADO	
	De acordo com Botelho Pereira a fonte terá sido edificada durante o episcopado de D. Afonso em 1523 com base numa suposta inscrição associada à esfera armilar que ainda se conserva (Pereira, 1630: 469). No entanto, a referência documental mais antiga que se encontra é de uma carta de empraçamento de um terreno nas imediações, datada de 1580 (Castilho, 2017: 146-148). Poderá resultar de uma iniciativa do Concelho em acentuar o carácter comunitário do rossio. A fonte encontra-se incorporada num pano murário, que se desconhece se será de uma cronologia congénere, e é constituída por um arco em ogiva encimado por um escudo de armas. Botelho Pereira refere que este escudo teria as armas reais, as quais terão sido picadas posteriormente ao século XVII, em data incerta. Conserva-se, no entanto, metade do escudo que ostenta as armas da segunda esposa de D. Manuel I, D. Maria de Aragão e Castela, como se pode confirmar ao as comparar, por exemplo, com as armas da mesma presentes na chave de uma das abóbadas da Sé.	Mandado erguer em 1563 pelo Cónego Henriques de Lemos com o intuito de reforçar o carácter espiritual do local (Castilho, 2017: 44). Trata-se de um fuste monolítico que, de acordo com Botelho Pereira, seria um dos maiores da Península. Originalmente encontrava-se sensivelmente no alinhamento da Porta do Senhor Crucificado, onde hoje desemboca no Rossio de Santa Cristina a avenida Capitão Silva Pereira. A atual localização deriva do seu apeamento em 1955 para a abertura desta avenida. Não sendo claro quando foi reerguido no centro do largo, sabemos, porém, que terá sido depois de 1960.	Embora sem certezas factuais, crê-se que a casa tenha sido edificada ainda no século XVI sob o troço de muralha contíguo à Porta do Senhor Crucificado. Pensa-se que poderá ser congénere ao cruzeiro, visto que o cónego que o mandou erguer era da família Lemos, à qual esta casa foi pretensa. No entanto, a maior parte do edificado corresponde ao século XVII e posteriores. Ressalvando-se que todo o edifício foi alvo de obras de restauro pela DGEMN devido à sua classificação como Imóvel de Interesse Municipal em 1915. É possível que tivesse serventia sob a Porta da Muralha, quer como varanda quer como passadiço para o terreno da fronteira Quinta da Prebenda da família consanguínea dos Lemos e Nápoles. A casa teria um terreno anexo que ocuparia o espaço hoje público, seria delimitado por um muro sensivelmente perpendicular à muralha e que terminaria no local onde hoje é a rua Formosa.	Já existiria uma quinta no Cerrado, porém não se sabe se coincidente com a atual e, certamente, não pertencente aos Viscondes do Cerrado, título só criado no século XIX.	

DADOS ÉPOCA	GERAL	BENS CULTURAIS E CARACTERÍSTICAS		
		MURALHAS ROMANAS	CAPELA DE SANTA CRISTINA / AMARO	PORTA DO SENHOR CRUCIFICADO
MODERNA	O século XVII foi praticamente inconsequente para o Rossio de Santa Cristina, mantendo-se pontuado pela, agora, capela de Santa Cristina/Santo Amaro, pela fonte medieval, pela ribeira e pelo cruzeiro e delimitado pela muralha. Em inícios do século XVIII considerava-se “a melhor saída e passeio da cidade” (B.M.V. L.A.C., 1712: fl. 46v). Por contraste, o século XVIII traria significantes alterações ao Rossio de Santa Cristina, acentuando o seu carácter religioso e definindo o sítio como um espaço de recreio, de lazer. Erguem-se três novos templos no espaço de um século, uma pequena capela cujo orago se desconhece e duas igrejas, a do Convento da Congregação do Oratório e a da Ordem Terceira do Carmo. A construção desta última dita a profanação e consequente degradação da secular Capela de Santa Cristina/Santo Amaro. É interessante de notar as proibições camarárias de utilizar as fontes para lavagens, o que denuncia um uso recorrente daquele espaço como lavadouro (Castilho, 2017: 45). Contudo esta função manteria-se associada ao sítio até ao século XX como denuncia uma fotografia do largo da autoria de Alexandre Alves de 1974, onde se denotam uma série de lavadouros individuais de feitura recente. A construção do Convento da Congregação do Oratório ditaria também uma nova dinâmica ao espaço, seccionando o Rossio público com a sua cerca e concedendo-lhe uma forma mais regular, algo retangular. É também de referir o ímpeto construtivo que se observa por toda a cidade durante a época moderna, que terá afetado pelo menos a rua João Mendes e, com certeza, do qual resulta a estrutura em geral da Casa dos Lemos e Sousa.		Não há qualquer notícia da capela durante o século XVII, porém o século XVIII marcaria uma renovação da sua função religiosa e, contrariamente, a sua profanação definitiva. Entre 1729 e 1733 instalam-se na capela, com o consentimento do Cabido, os irmãos terceiros da Ordem da Nossa Senhora do Carmo que se encontravam sem templo (SOUSA, 1739: 71-72). As pequenas dimensões do edifício e o seu estado de degradação rapidamente se apresentaram como impedimentos à utilização da capela para as cerimónias da Ordem Carmelita, principalmente pela grande afluência de fiéis. Deduz-se que o alpendre na fachada principal seja resultado de uma campanha de obras deste período, possibilitando mais fiéis presenciar os rituais litúrgicos protegidos das condições climáticas. A situação demonstrou-se intolerável e em 1734 já se partia pedra no largo para a construção de um templo próprio da Ordem. Consagrado em 1738, o templo ditou a profanação da capela que agora passa a ser utilizada como arrecadação da Ordem, transferindo-se as suas imagens para a recém-construída Igreja da Nossa Senhora do Carmo. De acordo com Alves, haveria uma imagem mais antiga de Santo Amaro, das quais se encontraram fragmentos em 1974 (Alves, 1975: 441).	No surto de peste de 1637 terá sido uma das quatro portas que permaneceu aberta e vigiada por um guarda-mor, como a do Cimo de Vila, a do Soar e a do Arco. A população foi repartida em instâncias para que cada cidadão servisse de guarda à respetiva porta durante um dia. A Porta do Senhor Crucificado foi guardada pelos moradores da rua da Regueira, atual João Mendes, e a rua de Rodrigo de Almeida, cuja localização é impossível de precisar (Castilho, 2010; BMV, 1637: LAC, fl. 15). A muralha, rapidamente desatualizada como elemento defensivo, começou a ser incorporada em habitações nobres na época moderna. A Casa dos Lemos e Sousa construiu-se, então, sob o troço da rua do Carmo adossado à Porta do Senhor Crucificado, talvez ainda no século XVI com intensas alterações no XVII e subseqüentes. Provavelmente a casa faria serventia do passeio de ronda da Porta como varanda e, consequentemente, terá a a família ficado como responsáveis pela defesa da porta em caso de ataque, como se observa com a Porta do Arco e os Albuquerque, detedores da casa adossada.

DADOS ÉPOCA	BENS CULTURAIS E CARACTERÍSTICAS				
	OUTROS				
MODERNA	FONTE SETECENTISTA A fonte manuelina foi complementada no século XVIII por uma nova. A construção de uma nova fonte, determinada em vereação de câmara a 26/jan/1713, denuncia uma forte utilização da fonte manuelina, visto ser necessário uma maior e com maior capacidade. A fonte nova, como é apelidada em oposição à fonte velha, terá sido edificada com o material da abandonada fonte de São Miguel, como também ficou determinado na vereação de câmara já referida. Concluiu-se sensivelmente um ano depois, a 17/jan/1714 e, ainda nesse século, terá sofrido obras de conservação.	IGREJA E CONVENTO DOS NÉRIS O convento da Congregação do Oratório foi fundado em 1689 numa casa em Santa Cristina doadas aos oratorianos de São Filipe de Néri Fundado para esse efeito (Coelho, 1960:527). Num primeiro momento, adaptaram-se as casas e transformou-se uma das divisões em oratório. Em 1693, o bispo D. Ricardo Russel entendeu por condigno a construção de uma igreja que não chegou a ser concluída. Em 1757, o recém-nomeado bispo de Viseu D. Júlio Francisco de Oliveira, decide demolir a construção e edificar uma igreja ao seu gosto, terminada em 1759 e que ainda hoje pontua o espaço. (Coelho, 1960:527) A cerca do convento seria substancial, comportando parte do atual jardim Alves Martins até à via sacra, delimitado pela Calçada das Cruzes que partia da rua da Regueira, e, pelo menos, a área hoje ocupada pela urbanização entre a rua Dr. Azeredo Perdigão e a rua Dom António Mendes.	IGREJA DA N. SRA. DO CARMO A igreja da Nossa Senhora do Carmo é o elemento visualmente mais marcante do espaço. Trata-se do templo da Ordem Terceira da Nossa Senhora do Monte Carmelo da cidade, construído com pedra do próprio largo, tendo a primeira sido lançada a 29 de abril de 1734. Quatro anos volvidos o templo é consagrado, pelo menos em parte já terminado. É esta a igreja que o Padre Leonardo de Souza descreve em 1739, já sobrelevada quando ao largo com a sua escadaria de 12 degraus. Porém, a igreja que hoje se encontra com as suas torres sineiras resulta de uma campanha de obras que implicou a reformulação total da fachada, tal como do coro e da sacristia (Castilho, 2017: 120-122).	CAPELA DE ST. CRISTINA Esta capela trata-se de uma construção de meados do século XVIII, cuja designação faz com que se confunda com a medieval ermida. Desconhece-se o orago, a designação de Santa Cristina provém do topónimo do largo e não da dedicação da capela. Localizar-se-ia, no alinhamento da rua João Mendes, onde atualmente cruza com a rua 5 de Outubro. As motivações e os responsáveis pela construção são desconhecidos. No entanto, a sua cronologia é clara. A sua construção decorria, já em 1758, como atestam as Memórias Paroquiais (CAPELA, 2010: 691). A sua demolição foi ditada pelo impedimento que constituía à abertura da estrada para Mangualde, o que terá ocorrido em 1868 ou nos anos antecedentes. A nível de registos visuais só se dispõe de uma aguarela oitocentista de António José Pereira (1821-1895). Tratar-se-ia, então, de uma capela de linhas simples, com 12 x 4,5 m.	

Apêndice 6 - Storyboard do Protótipo Videográfico para o Rossio de Santa Cristina.

MM:SS	CLIP DE VÍDEO	CLIP(S) DE SOM	NARRAÇÃO	ANOTAÇÕES VISUAIS	ANOTAÇÕES TEXTUAIS
apresentação					
	<u>Localização</u> Balcão da Igreja de N. Sra. do Carmo <u>Ângulo de visão</u> Timelapse nascer do sol	ambiência local	Bem-vindo à Cidade de Viseu! Habitada à mais de cinco mil anos, foi fundada como cidade romana logo nos primeiros séculos da nossa era. Desde então, Viseu foi sempre cidade e a casa de alguém. Chegou até a ser capital do Condado Portucalense, a terra natal do rei D. Duarte e, talvez, até do nosso primeiro rei, D. Afonso Henriques. Pela cidade fora encontram-se hoje grandes e pequenos monumentos que ajudam a desvendar Viseu.		

DADOS ÉPOCA	BENS CULTURAIS E CARACTERÍSTICAS				
	OUTROS				
S. XIX – XX	CASA AMARELA O edifício hoje conhecido como a Casa Amarela, onde funciona desde 1962 o Arquivo Distrital e o Arquivo Municipal de Viseu, trata-se do antigo palacete do Morgado de Santa Cristina, Manuel Nicolau Cardoso d'Abreu e Magalhães. Trata-se de um edifício do século XIX, desconhecendo-se qualquer habitação primitiva da família dos Cardosos, Abreus Magalhães. No entanto, é de notar as diferenças entre o atual edifício e aquele representado por António José Pereira. Não sendo claro se o autor terá decidido, em benefício da aguarela, representar a fachada principal com o seu frontão triangular como a lateral do edifício ou se realmente o palacete teria outra configuração. É possível que a abertura da avenida Capitão Silva Pereira tenha levado a uma reconfiguração do edifício, o qual já então seria propriedade do Concelho.	IGREJA E CONVENTO DOS NÉRIS A extinção das Ordens Religiosas em 1834 levaria a que o Convento e o Seminário que entretanto lá se instalou fossem confiscados pelo Estado. Acabaria a ser usado como quartel militar por meia dúzia de anos até 1841 quando todo o edificado, à exceção da biblioteca e da igreja, é destruído na consequência de um incêndio. Na consequência é restituído ao reitor do Seminário que o reabre em 1844. A abertura da estrada para Mangualde implicou a expropriação de parte da cerca do, agora, Seminário. O Concelho compensou-o com a incorporação da antiga calçada das Cruzes e da capela da Via Sacra na sua propriedade. No século XX, mais precisamente em 1911 com a Lei da Separação, o edifício retorna ao Estado e passa a cumprir funções de um armazém de peças de artilharia. Em 1968 o edifício é, mais uma vez, restituído à sua função religiosa, instalando-se ali o Seminário Maior da cidade.	JARDIM PÚBLICO O Jardim Público, hoje denominado Alves Martins, terá sido ajardinado em simultâneo com a abertura da estrada para Mangualde em 1868. Não é claro se terá sido desde logo dedicado ao bispo Alves Martins, o qual foi sentenciado em 1834 a ali ser fuzilado. Porém, pelo menos desde da primeira década do século XX já teria esta designação visto que o monumento em bronze dedicado ao Bispo foi executado em 1911 pelo escultor Teixeira Lopes. Ainda antes deste projeto de jardim público, já o Concelho demonstrava interesse em tornar o Rossio de Santa Cristina, tal como o de Massorim, num espaço de lazer ao determinar em 1840 a plantação de árvores. Pensa-se que seja desta iniciativa que resultam as várias espécies de árvores, não autóctones, que ainda hoje se podem contemplar. Entre outras, encontra-se a olaia, o castanheiro-da-índia, a árvore-do-âmbar, a tília, a acácia-bastarda, o bordo-negundo, o abeto e as imponentes palmeiras.	CASA DO CERRADO A atual estrutura habitacional é referida como sendo do século XIX, tendo o título de Visconde sido entregue a Francisco de Melo Lemos e Alvelos em 1873. A casa teria uma quinta associada que comportaria uma vasta área, a qual em parte ainda conserva à exceção da faixa entre o atual muro e o Rossio de Santa Cristina, com o qual confrontava, e onde hoje se ergue o bairro do Cerrado.	

Apêndice 6 - Storyboard do Protótipo Videográfico para o Rossio de Santa Cristina.

CLIP DE VÍDEO	CLIP(S) DE SOM	NARRAÇÃO	ANOTAÇÕES VISUAIS	ANOTAÇÕES TEXTUAIS
apresentação				
<u>Localização</u> Balcão da Igreja de N. Sra. do Carmo <u>Ângulo de visão</u> Timelapse nascer do sol	ambiência local	Bem-vindo à Cidade de Viseu! Habitada à mais de cinco mil anos, foi fundada como cidade romana logo nos primeiros séculos da nossa era. Desde então, Viseu foi sempre cidade e a casa de alguém. Chegou até a ser capital do Condado Portucalense, a terra natal do rei D. Duarte e, talvez, até do nosso primeiro rei, D. Afonso Henriques. Pela cidade fora encontram-se hoje grandes e pequenos monumentos que ajudam a desvendar Viseu.		

CLIP DE VÍDEO	CLIP(S) DE SOM	NARRAÇÃO	ANOTAÇÕES VISUAIS	ANOTAÇÕES TEXTUAIS
<u>Localização</u> Largo de Santa Cristina (na rotunda, entre o cruzeiro e o Carmo) <u>Ângulo de visão</u> Estrada para mangualde Igreja do carmo Seminário	ambiência local	A sul do centro histórico de Viseu, encontramos o antigo Rossio de Santa Cristina, um grande terreiro público em que se inclui o largo de Santa Cristina, o Jardim Alves Martins, o Seminário Maior e a Igreja da Nossa Senhora do Carmo. Hoje dividido em espaços distintos, o Rossio de Santa Cristina foi em tempos um terreno amplo ...	<u>extensão total do Rossio</u> • linha recta da rua dos olivais à porta do sr. crucificado • linha recta da porta do sr. crucificado ao cruzamento da rua 5 de outubro com a rua Dom Alves Martins • linha recta daqui à fachada do Seminário • linha recta da fachada do Seminário até à rua dos olivais	“Largo de Santa Cristina” “Jardim Alves Martins” “Seminário Maior, antigo Convento do Oratório” “ Igreja da Nossa Senhora do Carmo”
Ribeira de Santa Cristina + Fontes Medievais				
<u>Localização</u> Zona natural/rural com ribeira de água <u>Ângulo de visão</u> Arvoredo Campos agrícolas Curso de água	água a correr	... envolvido em vegetação e utilizado para o cultivo agrícola. A presença de um pequeno curso de água distinguia-o desde sempre, talvez até usado pelos primeiros habitantes de Viseu à 5 milhares de anos atrás. Há mais de 50 anos que a chamada ribeira de Santa Cristina já não faz parte do Rossio, ...	possível percurso da ribeira de Santa Cristina desde a encosta do Cerrado até à Avenida Capitão Silva Pereira	“ Ribeira de Santa Cristina”

CLIP DE VÍDEO	CLIP(S) DE SOM	NARRAÇÃO	ANOTAÇÕES VISUAIS	ANOTAÇÕES TEXTUAIS
<u>Localização</u> Rotunda de Santa Cristina (do lado do jardim de Santa Cristina) <u>Ângulo de visão</u> Fontes Bairro do Cerrado Avenida Capitão Silva Pereira	água a correr	... correndo agora debaixo de nós. Nasceria na encosta de São Martinho e desceria até ao principal rio de Viseu, o Pavia, pelo sítio hoje ocupado pela avenida Capitão Silva Pereira.	possível percurso da ribeira de Santa Cristina desde a encosta do Cerrado até à Avenida Capitão Silva Pereira	“Encosta de São Martinho” “Avenida Capitão Silva Pereira”
<u>Localização</u> Jardim Alves Martins (topo das escadas das fontes) <u>Ângulo de visão</u> Fontes de Santa Cristina	água a cair (baixo)	Só nos restam as duas fontes como testemunho da antiga dinâmica que a água estabelecia no Rossio de Santa Cristina. Hoje que nos basta abrir uma torneira, a tarefa quotidiana de ir buscar água à fonte perdeu o seu sentido e, em consequência, o Rossio de Santa Cristina perde a função que o tornava essencial ao quotidiano de Viseu.		“Fontes de Santa Cristina”

CLIP DE VÍDEO	CLIP(S) DE SOM	NARRAÇÃO	ANOTAÇÕES VISUAIS	ANOTAÇÕES TEXTUAIS
<u>Localização</u> Jardim Alves Martins (fundo das escadas das fontes) <u>Ângulo de visão</u> Fontes de Santa Cristina	água a cair (mediano)	A fonte nova, a mais vistosa, denuncia que realmente muita gente devia recorrer ao Rossio de Santa Cristina para se abastecer de água. A fonte velha já não deveria ser suficiente quando à três séculos a Câmara Municipal de Viseu manda construir esta nova e maior fonte.		“Fonte Setecentista” “Painel de Azulejos a Santa Cristina”
<u>Localização</u> Jardim Alves Martins (fundo das escadas das fontes) <u>Ângulo de visão</u> Fonte Manuelina	água a cair (alto)	A fonte velha, também chamada de manuelina, foi construída no período dos descobrimentos como tão bem demonstra a esfera armilar e as sereias que seguram o escudo de armas.		“Fonte Manuelina” “Esfera Armilar” “Escudo de Armas” “Sereias”

CLIP DE VÍDEO	CLIP(S) DE SOM	NARRAÇÃO	ANOTAÇÕES VISUAIS	ANOTAÇÕES TEXTUAIS
<u>Localização</u> Jardim Alves Martins (do passeio junto à fonte) <u>Ângulo de visão</u> Fontes de Santa Cristina Seminário	água a cair (baixo) murmúrios (baixo)	Se nessa época seguisse-mos pelo caminho da fonte encontraríamos no meio de um olival, onde hoje só há alcatrão, a capela medieval de Santa Cristina.	esquema do caminho de São Martinho volumetria da capela de Santa Cristina	“Caminho para São Martinho”
Capela de Santa Cristina / Santo Amaro				
<u>Localização</u> Jardim da Igreja do Carmo (do jardim da n. sra. da conceição para o Seminário) <u>Ângulo de visão</u> Fontes de Santa Cristina Seminário	água a cair (baixo) murmúrios (mediano)	Ali estaria um templo dedicado a Santa Cristina, pelo menos, desde que a cidade fora conquistada aos muçulmanos no século XI, à quase mil anos. O aumento da população na cidade durante o período dos descobrimentos levou a que a ermida fosse ampliada, talvez acrescentando-se uma nave à antiga ermida. Passa-se a chamar Capela de Santa Cristina e até ganha um novo culto, a Santo Amaro.	cabeceira da capela de santa cristina corpo da capela	“Ermida de Santa Cristina” “Capela de Santa Cristina / de Santo Amaro”

CLIP DE VÍDEO	CLIP(S) DE SOM	NARRAÇÃO	ANOTAÇÕES VISUAIS	ANOTAÇÕES TEXTUAIS
<u>Localização</u> Rua Alves Martins <u>Ângulo de visão</u> Terreiro lateral da Igreja do Carmo Seminário	água a cair (baixo) múrmurios (baixo) sons de construção	Quando é demolida em 1974 para abrir esta rua, à menos de cinquenta anos, era um edifício esquecido, usado como armazém por mais de dois séculos. Tinha sido substituída pela Igreja da Nossa Senhora do Carmo.	volumetria da capela de Santa Cristina desaparece	“ Rua Dom António Alves Martins” “Igreja da Nossa Senhora do Carmo”
<u>Localização</u> Cruzamento da Rua Dr. Azeredo Perdigão com a Rua Dom António Alves Martins <u>Ângulo de visão</u> Quinta do Cerrado Seminário	água a cair (baixo) múrmurios (baixo) sons de construção	A sua antiguidade observava-se nas paredes da cabeceira, compostas por pedras de origem romana que por ali estavam e se reaproveitaram, talvez da necrópole romana que existiria no bairro do Cerrado, talvez das muralhas que então protegiam a cidade. Recuemos quase dois mil anos ao tempo em que Viseu era Vissaium, uma cidade romana.	fotografia da fachada sul da capela da autoria de alexandre alves demarcar área da encosta de São Martinho e da zona do Cerrado que seria a necrópole	“Cabeceira da Capela” “Necrópole Romana - Bairro do Cerrado”

CLIP DE VÍDEO	CLIP(S) DE SOM	NARRAÇÃO	ANOTAÇÕES VISUAIS	ANOTAÇÕES TEXTUAIS
Necrópole + Muralhas Romanas				
<u>Localização</u> Final da rua Formosa <u>Ângulo de visão</u> Escadaria do Carmo	ambiência local	O que seria o Rossio de Santa Cristina eram então dois espaços distintos divididos pelas duas muralhas romanas que Viseu teve. A primeira era uma muralha honorífica, construída para mostrar que estávamos perante uma cidade.	esquemática da direcção do troço de muralha do Alto Império	“Muralha Romana do Alto Império”
<u>Localização</u> Largo Santa Cristina (meio da rotunda) <u>Ângulo de visão</u>	ambiência local sons de construção	Os vestígios que hoje vemos são de uma segunda muralha, a do Alto Império, construída por medo aos povos invasores que então invadiam a Europa.		

CLIP DE VÍDEO	CLIP(S) DE SOM	NARRAÇÃO	ANOTAÇÕES VISUAIS	ANOTAÇÕES TEXTUAIS
<u>Localização</u> Rua Formosa <u>Ângulo de visão</u> Vestígios da Muralha do Baixo Império	ambiência local sons de construção	Era um troço imponente, com quase cinco metros de grossura, e reforçado com um dos vários torreões que a muralha teria.	reconstituição da muralha do baixo império	“Muralha Romana do Baixo Império”
<u>Localização</u> Rotunda do Largo de Santa Cristina <u>Ângulo de visão</u> Rua da Regueira	ambiência local sons de construção	A atual rua João Mendes, muito tempo conhecida como Rua da Regueira, ou seja, da Ribeira de Santa Cristina, era uma importante rua na época romana, protegida tanto pela muralha do Alto Império como a do Baixo, a primeira.	reconstituição da muralha do baixo império prolongar a linha da muralha pela rua João Mendes	“Muralha Romana do Baixo Império” “Rua João Mendes - Rua da Regueira”

CLIP DE VÍDEO	CLIP(S) DE SOM	NARRAÇÃO	ANOTAÇÕES VISUAIS	ANOTAÇÕES TEXTUAIS
Muralha Medieval + Porta do Senhor Crucificado				
<u>Localização</u> Largo de Santa Cristina (rotunda do lado da porta medieval) <u>Ângulo de visão</u> Jardim Alves Martins	ambiência local sons de construção	Quando, mil anos depois, Viseu volta a ter muralha, no fim de ser saqueada e incendiada três vezes em menos de um século, a rua João Mendes passa a estar desprotegida.	assinalar perímetro da muralha quatrocentista	“Muralha Medieval”
<u>Localização</u> Largo de Santa Cristina <u>Ângulo de visão</u> Alinhamento da rua da Árvore	ambiência local	O Rossio de Santa Cristina é, neste período, um espaço totalmente fora da muralha mas com ligação direta à Praça da Cidade, a atual Praça D. Duarte, através da Porta que se abria na rua da Árvore.	assinalar do perímetro da muralha quatrocentista reconstituição da Porta do Sr. Crucificado	“Rua da Árvore” “Sé de Viseu”

CLIP DE VÍDEO	CLIP(S) DE SOM	NARRAÇÃO	ANOTAÇÕES VISUAIS	ANOTAÇÕES TEXTUAIS
<u>Localização</u> Rua da Árvore <u>Ângulo de visão</u> Porta do Sr. Crucificado	ambiência local	Como todas as outras portas da muralha, era dedicada a uma figura religiosa. Assim, chamavam-na da porta do Senhor Crucificado por ter um crucifixo no nicho que ainda hoje vemos. Nunca foi fechada por motivos de invasão mas servia como uma porta de controlo de quem entrava na cidade durante os surtos de pestes.	reconstituição da Porta do Sr. Crucificado	“ Porta do Senhor Crucificado” “Nichos”

CLIP DE VÍDEO	CLIP(S) DE SOM	NARRAÇÃO	ANOTAÇÕES VISUAIS	ANOTAÇÕES TEXTUAIS
Cruzeiro Quinhentista				
<u>Localização</u> Largo de Santa Cristina (balcão da Casa dos Lemos e Sousa) <u>Ângulo de visão</u> Cruzeiro	ambiência local sons de construção	Aqueles que podiam, começaram a construir as suas casas sobre a muralha e, quando possível, de modo a usar o passeio de ronda das portas como varanda privada. O mesmo deve ter acontecido com esta porta e a casa da família Lemos e Sousa. O cruzeiro no centro da rotunda, esculpido de uma pedra só, foi erguido por desejo de um membro desta família mas nem há cinquenta anos ali está, movido com a abertura da avenida Capitão Silva Pereira.	salientar o traçado da avenida Capitão Silva Pereira	“Casa dos Lemos e Sousa” “Cruzeiro Quinhentista” “Avenida Capitão Silva Pereira”

CLIP DE VÍDEO	CLIP(S) DE SOM	NARRAÇÃO	ANOTAÇÕES VISUAIS	ANOTAÇÕES TEXTUAIS
<u>Localização</u> Rotunda de Santa Cristina <u>Ângulo de visão</u> Cruzeiro	ambiência local sinos	Originalmente estava em frente à porta do Senhor Crucificado e quando ali se colocou, à mais de cinco séculos, era o elemento mais imponente do espaço. As altas torres da Igreja da Nossa Senhora do Carmo e a Igreja do atual Seminário Maior só apareciam duzentos anos depois.	contorno do cruzeiro no sítio original	“Porta do Senhor Crucificado” “Igreja da Nossa Senhora do Carmo” “Seminário Maior”
Convento do Oratório dos Nérís - Seminário				
<u>Localização</u> Passeio das Fontes <u>Ângulo de visão</u> Cruzeiro Igreja do Seminário	ambiência local incêndio	A Igreja e a biblioteca do Seminário são os únicos elementos que restam do antigo Convento do Oratório, no Rossio de Santa Cristina à três séculos quando consumido por um incêndio no século passado.		“Seminário Maior - antigo Convento do Oratório”

CLIP DE VÍDEO	CLIP(S) DE SOM	NARRAÇÃO	ANOTAÇÕES VISUAIS	ANOTAÇÕES TEXTUAIS
<u>Localização</u> Terreiro do Seminário <u>Ângulo de visão</u> Igreja do Seminário	ambiência local murmúrios	Já antes, desde que as Ordens Religiosas foram expulsas de Portugal, o convento foi usado como o quartel, liceu e, até, como Câmara Municipal.		
Alterações Oitocentistas				
<u>Localização</u> Jardim Alves Martins <u>Ângulo de visão</u> Seminário Rua 5 de Outubro	ambiência local	A abertura da Estrada para Mangualde implicou demolir a cerca do convento que cortava, em tempos, o Rossio de Santa Cristina.	traçado da rua 5 de Outubro linha da cerca do Convento dos Oratorianos	“Estrada para Mangualde - Rua 5 de Outubro” “Cerca do Convento do Oratório” “Capela de Santa Cristina”

CLIP DE VÍDEO	CLIP(S) DE SOM	NARRAÇÃO	ANOTAÇÕES VISUAIS	ANOTAÇÕES TEXTUAIS
<u>Localização</u> Rua 5 de Outubro (onde estava a capela setecentista) <u>Ângulo de visão</u> Rua Formosa	ambiência local	Também se destruiu uma pequena capela com menos de um século que nem o santo a que era dedicada se sabe. Pouco antes já se tinha aberto a rua formosa que veio ligar diretamente ...	traçado da rua 5 de Outubro linhas gerais da capela setecentista de Santa Cristina	“Estrada para Mangualde - Rua 5 de Outubro” “Capela de Santa Cristina” “rua formosa”
<u>Localização</u> Rua Formosa <u>Ângulo de visão</u> Rossio de Massorim Rossio de santa Cristina	ambiência local múrmurios	...Santa Cristina à zona norte da cidade, ao Rossio de Massorim onde mais tarde se construiria os novos Paços do Concelho. Esta nova artéria de circulação seria a primeira de várias que durante o século seguinte se abririam no Rossio de Santa Cristina.	traçado da rua formosa	“Rossio de Santa Cristina” “Rossio de Massorim - Paços do Concelho de Viseu”

CLIP DE VÍDEO	CLIP(S) DE SOM	NARRAÇÃO	ANOTAÇÕES VISUAIS	ANOTAÇÕES TEXTUAIS
<u>Localização</u> Rotunda de Santa Cristina <u>Ângulo de visão</u> Rua Dom António Alves Martins rua Dr. Azeredo Perdigão	ambiência local circulação automóvel	Abre-se a rua Alexandre Lobo, a avenida Capitão Silva Pereira, a rua Dom Alves Martins e a rua Dr. Azeredo Perdigão e o antigo Rossio de Santa Cristina fica agora dividido em vários espaços.	salientar da: . rua Alexandre Lobo; . avenida Capitão Silva Pereira; . rua Dom António Alves Martins; . rua Dr. Azeredo Perdigão	“rua Alexandre Lobo” “avenida Capitão Silva Pereira” “rua Dom António Alves Martins” “ rua Dr. Azeredo Perdigão”
Jardim Público Alves Martins				
<u>Localização</u> Jardim Alves Martins <u>Ângulo de visão</u> Estátua do Bispo Alves Martins	ambiência local	Permanece, como memória do espaço de lazer, do melhor passeio da cidade como se dizia, o pequeno jardim Alves Martins.		

CLIP DE VÍDEO	CLIP(S) DE SOM	NARRAÇÃO	ANOTAÇÕES VISUAIS	ANOTAÇÕES TEXTUAIS
<u>Localização</u> Jardim Alves Martins <u>Ângulo de visão</u> Estátua do Bispo Alves Martins	ambiência local	Entre as várias espécies de árvores exóticas que a Câmara Municipal foi plantando, ergue-se um monumento em memória do bispo Alves Martins, que aqui esteve para ser fuzilado.		" Monumento ao bispo D. António Alves Martins" “Escultura de Teixeira Lopes em 1911”
Conclusão				
<u>Localização</u> Balcão da Igreja de N. Sra. do Carmo (timelapse) <u>Ângulo de visão</u> Largo de Santa Cristina	ambiência local	O amplo terreiro do Rossio de Santa Cristina, onde os viseenses passeavam livremente a pé, onde à séculos acorriam para se abastecerem de água e onde, em longínquos tempos, se sepultaram os nossos antepassados romanos é, hoje, essencialmente marcado pela circulação de automóveis. É esta a contribuição da nossa época para o milenar Rossio de Santa Cristina, só podemos imaginar o que o futuro ainda lhe guarda.		

**Apêndice 7 - Ficha Informativa para a Reconstituição Digital da Capela de Santa
Cristina / Santo Amaro.**

INFORMAÇÃO GERAL

DENOMINAÇÃO: **Capela de Santo Amaro**

OUTRAS: Capela de Santa Cristina
Capela de Santa Cristina / Santo Amaro

TIPOLOGIA: Arquitetura Religiosa

AFETAÇÃO: —

LOCALIZAÇÃO: Olival de Santa Cristina/Largo D. António Alves Martins, Viseu, Portugal
COORDENADAS GPS: 40°39'22.5"N 7°54'36.2"W

CRONOLOGIA GERAL: [X/XI] - XII - XIV - 1974



IMPLEMENTAÇÃO & FUNÇÃO

IMPLEMENTAÇÃO: Periférica, extramuros

ORIENTAÇÃO: Noroeste - Sudeste (Oeste - Este)

ESPAÇOS ASSOCIADOS: Terreiro e Olival de Santa Cristina
Fonte de Santa Cristina
Igreja da Nossa Senhora do Carmo
Quinta do Cerrado ou Serrado

ORIGINAL: Capela

OUTRAS: Armazém de Alfaias Religiosas e Agrícolas (1738-1974)

CRONOLOGIA

INÍCIO DA CONSTRUÇÃO: pelo menos no séc. XII
CONCLUSÃO: pelo menos no séc. XIV

CAMPANHAS DECORATIVAS: XV / XVI e XVIII

ALTERAÇÕES ESTRUTURAIS: XVI

REEDIFICAÇÃO: —

INTERVENÇÕES: XVIII

DEMOLIÇÃO / DESTRUIÇÃO: 1974

OUTRAS DATAS: 1160 - mais antiga menção ao hagiopônimo de Santa Cristina
1441 - referência à capela em carta de empraçamento de 23/09
1729/33 - início do uso da capela pelos irmãos terceiros da Ordem Carmelita
1738 - abandono da capela e transferência das imagens religiosas para a Igreja da N. Sra. do Carmo

DESCRIÇÃO HISTÓRICA

Esta capela, conhecida na historiografia local como Capela de Santo Amaro, é também referida como Capela de Santa Cristina que, de acordo com o Padre Leonardo de Sousa e Alexandre Alves, terá sido a sua invocação primitiva. Não existem dados que permitam datar esta substituição de orago, ou comprová-la efetivamente, contudo o Padre Leonardo de Sousa justifica-a pela colocação de uma imagem de Santo Amaro na capela, cujo culto rapidamente suplantou o da mártir toscana do século II (SOUSA, 1739: 61-62). Assim, o orago passa a ser Santo Amaro, realizando-se os festejos da capela a 15 de Janeiro em vez do dia de Santa Cristina a 24 de Julho. Ressalva-se, ainda, a apelidação de Capela de Santa Cristina a uma outra arquitetura religiosa nas proximidades, cuja edificação no atual cruzamento da Rua 5 de Outubro com a Rua João Mendes ocorria aquando da redação das Memórias Paroquiais em 1758 e foi demolida em 1867 (CAPELA, 2010: 691). Alexandre Alves defende que esta denominação de Santa Cristina não é relacionada com o orago da capela, o qual se desconhece, mas sim com a sua localização no Rossio de Santa Cristina, não se devendo confundir com a primitiva Capela de Santa Cristina / Santo Amaro (ALVES, 1975: 436-437).

A época de construção da capela é desconhecida, sendo entendida como moçarabe por Anísio Saraiva devido à presença do hagiotopónimo '*Santa Cristina*', num documento de 1160 presente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, na secção dedicada à Sé de Viseu (SARAIVA, 2010: 13). Este autor refere, ainda, que esta ermida não terá sido restaurada, pelo menos no período imediato à reconquista. Alexandre Alves apresenta outro documento que baliza a cronologia da capela, uma carta de empraçamento de umas casas, chão e olival pertencentes ao cabido, datada de 23 de Setembro de 1441 (documento nº 157 do Tomo I do "Livro dos Traslados do Cabido de Viseu"), afirmando que a capela não seria muito anterior ao século XV devido às características estilísticas do arco triunfal, comuns na cidade nos séculos XV e XVI (ALVES, 1975: 432). Embora Alexandre Alves integre a construção do arco triunfal na primeira campanha de obras da capela, ou seja, simultaneamente com a edificação da capela-mor, o corpo mais antigo, não se pode descartar a hipótese deste ter sido reedificado aquando da construção da nave da capela, mais recente. Contudo, é certo que em meados do século XV a capela já voltara a existir.

Pouco é sabido sobre a capela durante a Alta Idade Média e o início da Idade Moderna, só havendo notícia da sua permanência na cidade já no século XVIII, entre 1729 e 1733, com o consentimento do Cabido desta ser usada pelos irmãos terceiros da Ordem da Nossa Senhora do Carmo que se encontravam sem templo (SOUSA, 1739: 71-72). Logo no ano seguinte, a irmandade iniciou os esforços para a construção do seu próprio templo, sendo a antiga capela demasiado pequena para acolher todos os membros da Ordem e desproporcionada para os rituais religiosos necessários (ALVES, 1975: 434).

A capela foi abandonada e profanada em 1738 quando os irmãos terceiros da Ordem Carmelita se mudaram para a sua nova igreja, a Igreja da Nossa Senhora do Carmo consagrada a 23 de Julho desse ano, transferindo também para esta as imagens que aí se encontravam (ALVES, 1975: 434-435). A partir de então, a capela foi usada como arrecadação pelos irmãos terceiros do Carmo e, em data incerta, foi incorporada na Quinta do Serrado e usada como palheira, adega e armazém de alfaías agrícolas (ALVES, 1975: 435). Nas Memórias Paroquiais de 1758 esta capela só é mencionada para explicar o topónimo do Terreiro de Santa Cristina, referindo-se que antigamente ali se encontraria uma capela com a invocação de Santa Cristina (CAPELA, 2010: 732).

Em 1818 descobriu-se durante trabalhos agrícolas, no solo sob o alpendre na fachada, um túmulo de datação romana com uma epígrafe, o primeiro vestígio encontrado da necrópole que ali outrora existia (VALE, 1973).

A sua demolição, a par com as casas a ela adossadas, aconteceu em finais de 1974 no contexto da construção de um novo troço viário, a atual Rua Dom António Alves Martins, de ligação da Rua Gaspar Barreiros à Rua 5 de Outubro, a qual dava acesso à estrada para Mangualde (ALVES, 1975: 429). Algumas das suas pedras, nomeadamente do portal e do arco triunfal, foram numeradas e guardadas para uma futura reconstrução, enquanto outras foram reaproveitadas em muros de suporte do relvado do Bloco 1 e 2 do Bairro residencial do Serrado (ALVES, 1975: 431/451).

DIMENSÕES

DIMENSÃO TOTAL:	14,20 x 6,10 m	OUTRAS:	Janela fachada: 0,93(l)x 0,80 m (a)
CORPO DA IGREJA:	7,40 (c) x 6,10 (l) x 6,30 m (a)		Distância portal/janela: 0,80 m
CABECEIRA:	6,20 (c) x 4,90 m (l)		Fresta sul: 0,20 (l) x 0,50 (a)
ARCO TRIUNFAL:	2,65 m (l) x 4 m (a)		Silhares: c. 0,40 cm (a)
PORTAL PRINCIPAL:	1,40 m (l) x 2,50 m (a)		Espessura dos muros: 0,30 m
PORTAL LATERAL:	0,80 m		

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS ARQUITETÓNICAS

Nº DE NAVES:	1	CONFESSIONÁRIO	—
Nº DE ALTARES:	3	CLAUSTRO	—
Nº DE JANELAS:	3	TERREIRO	olival
GALILÉ:	alpendre	CONFRONTAÇÕES	muro da Quinta do Serrado
CORO:	—		caminho de Santa Cristina
CAMPAÑÁRIO:	—		para São Martinho
PÚLPITO:	—		caminho para a fonte
BAPTISTÉRIO:	—		
SACRISTIA:	—		

DESCRIÇÃO ARQUITETÓNICO-ARTÍSTICA

A capela era formada por dois corpos paralipédicos de dimensões e cronologias distintas, o mais antigo e mais pequeno respeitante à capela-mor, construído de silharia reaproveitada, datada da época romana através das marcas de *forfex* (ALVES, 1975: 430). O outro corresponde ao corpo da capela, de maiores dimensões que a capela-mor e mais recente, constituído por fiadas de pedra de cantaria minimamente regulares (ALVES, 1975: 430). Em termo de proporções, a capela-mor é somente 1,20 metros menos comprida e larga que o corpo da capela.

A fachada principal, virada a ocidente, é de características singelas e encimada em empena triangular, acompanhada pelo cobertura de duas águas. O portal principal teria de largura 1,40 metros, com dintel poligonal tripartido, sem adornos, cujas ombreiras denotavam desbastamento, realizado para permitir a entrada das alfaías agrícolas que albergou desde meados do século XVIII até à sua demolição em 1974 (ALVES, 1975: 430). Alexandre Alves apresenta o portal do nº 27 do lado esquerdo do Arco da Rua Escura e as janelas quinhentistas dos nº 15 a 27 da Rua da Nossa Senhora da Piedade como vãos de traça semelhante a este portal (ALVES, 1975: 430).

Ainda na fachada principal abria-se um vão de iluminação quadrangular à esquerda do portal, gradeado e de molduras de arestas chanfradas. Numa das pedras da cantaria encontrava-se inscrita uma sigla cruciforme, a qual Alexandre Alves interpreta como uma possível cruz de consagração do edifício (ALVES, 1975: 430).

A fachada sul da capela observava-se uma pequena porta no ângulo de junção dos dois corpos, que daria acesso direto à capela-mor. O historiador também aponta uma fresta afunilada na capela-mor, à esquerda da porta (ALVES, 1975: 430).

Interiormente, o espaço era dividido pela parede do cruzeiro, sendo quase impercetível a diferente largura entre o corpo da capela e a capela-mor. O arco triunfal, com 2,65 m de comprimento na base, era composto por 14 aduelas de arestas chanfradas, incluindo a chave e observava-se uma sigla em espiral na face posterior de um dos saiméis (ALVES, 1975: 430). As pedras de arranque do arco eram

decoradas com um chanfro em papo de rola, enquanto que a ornamentação das molduras das impostas é desconhecida, tendo estas sido mutiladas a pico num momento incerto (ALVES, 1975: 431). De acordo com as fotografias da autoria de Alexandre Alves, o interior seria caiado a branco.

O Padre Leonardo de Sousa indica que haveria três altares no interior da capela, o da capela-mor com a imagem de Santo Cristina, e dois colaterais. Alexandre Alves avança poderem ser na parede do arco triunfal, um deles com a imagem de Santo Amaro (ALVES, 1975: 433).

Quanto às imagens religiosas a que se refere o Padre Leonardo de Sousa, transferidas da capela para a Igreja de Nossa Senhora do Carmo após a sua consagração em 1738, certamente serão as que ainda hoje se podem encontrar na igreja carmelita. Tratam-se de duas esculturas em madeira policromada e estofada, ambas setecentistas: a de Santa Cristina no altar de Santa Teresa de Ávila com 85 cm de altura; e Santo Amaro no altar de S. João da Cruz de 75 cm (ALVES, 1975: 435). Dada a cronologia destas imagens, certamente vieram substituir imagens mais antigas, como era prática. Em concordância, é muito provável que tenha existido, no mínimo, uma imagem de Santa Cristina. A existência de uma imagem de Santo Amaro poderia ser posta em causa, visto que não se conhece o momento em que se deu a introdução deste culto na capela. No entanto, durante os trabalhos de demolição da capela e terraplanagem do local, segundo o relato de Alexandre Alves, encontram-se fragmentos de uma imagem de um santo beneditino, que o autor propõe ser uma imagem antiga de Santo Amaro (Alves, 1975: 435). Porém, não é possível confirmar este facto visto que se desconhece o paradeiro dos ditos fragmentos.

Deduz-se que a capela tenha sofrido obras de beneficiação aquando do seu uso pela Ordem Carmelita, possivelmente datando deste período a construção do alpendre na fachada principal que ajudaria a proteger os fiéis que não coubessem no interior do templo, devido à sua pequenez, das condições climatéricas.

REGISTOS VISUAIS



À esquerda: Fachada ocidental da capela em 1974, antes dos trabalhos de demolição. Registo fotográfico da autoria de Alexandre Alves

À direita: Arco triunfal visto da nave em 1974 durante a demolição. Registo fotográfico da autoria de Alexandre Alves

Vista Geral do Rossio de Santa Cristina a partir do Bairro do Cerrado, com a capela dissimulada entre vegetação e outros edifícios. O edifício do atual Arquivo Distrital de Viseu permite localizar com alguma precisão a capela. Registo fotográfico da autoria de Alexandre Alves.



Em cima: Fachada sul da capela com a igreja da Nossa Senhora do Carmo como fundo durante a abertura da rua Dom António Alves Martins em 1974. Registo fotográfico da autoria de Alexandre Alves.

Em baixo: Pormenor do aparelho na fachada sul e do cunhal este da cabeceira. Registo fotográfico da autoria de Alexandre Alves.



NOTAS BIBLIOGRÁFICAS, GRÁFICAS & FOTOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA: ALVES, Alexandre - “Antiguidades de Viseu: 1. O sítio de Santa Cristina e as suas surpresas arqueológicas”. In *Revista Beira Alta*, vol. XXXIV, 1975. pp. 429 - 454.

LEAL, Augusto Pinho; FERREIRA, Pedro Augusto - *Portugal Antigo e Moderno*. Vol. XII, 1890. P. 1562

SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa - Viseu: do governo do condal ao reinado de D. Afonso Henriques (1096-1185): a renovação de um perfil urbano. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*. Tomo I. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2010. P. 13

SOUSA, Pdr. Leonardo de - *Epitome Carmelitano Historico e Ascetico para universal noticia dos Veneraveis Irmãos Terceiros do Carmo, e par especial memoria de algumas prerrogativas, graças, beneficia, privilégios, e maravilhas, que em toda a Carmelitana Ordem se admirão*. Lisboa: [s.e.], 1739.

VALE, A. de Lucena - *Livro dos Acordos de 1534 da Cidade de Viseu*. Porto: Câmara Municipal de Viseu, 1945. p. 40

VALE, A. de Lucena - “O Manuscrito sobre Viseu de Francisco Manuel Correia”. *Revista Beira Alta*, Vol. XXXII, fasc. 1, 1973.

VAZ, João L. Inês - “Génese e Evolução de um espaço urbano: Viseu das Origens à Ocupação Árabe” *Revista Beira Alta*. Assembleia Distrital de Viseu. LXVIII e LXIX (2009). p. 147-201

ANTT, Sé de Viseu, DP (Documentos Particulares), 1160: m. 3, n. 34

DOCUMENTAÇÃO GRÁFICA: Planta da Cidade de Viseu e das principais alterações urbanísticas do século XIX. Arquivo Municipal de Viseu.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA: ALVES, Alexandre - Antiguidades de Viseu: 1. O sítio de Santa Cristina e as suas surpresas arqueológicas. *Revista Beira Alta*, vol. XXXIV, 1975. pp. 429 - 454.

RECONSTITUIÇÃO DIGITAL: RESULTADOS E PROCESSOS

RESULTADOS:



LINK ACESSO: <https://sketchfab.com/Desvendar>

RECONSTITUIÇÃO DIGITAL: RESULTADOS E PROCESSOS

PROCESSO: Através dos dados recolhidos, nomeadamente das medições do interior da Capela patentes no já referido artigo de Alexandre Alves, procedeu-se à realização de uma planta em Autocad do que seria a Capela de Santa Cristina aquando da sua demolição em 1974. Igualmente, também se executaram os vários alçados que posteriormente seriam utilizados para a modelação 3D. Visto não serem fornecidas as medições do exterior, optou-se por adoptar a espessura de 30 cm para todos os panos murários, à excepção daquele onde se encontra o Arco Triunfal que se depreendeu ser de 60 cm a partir da dedução da medida da cabeceira e da nave à medida total do interior da capela.

A partir das poucas referências ao interior da capela, nomeadamente a fotografia do arco triunfal, imediatamente começamos a cruzar perspectivas e solução arquitectónicas de modo a que a proposta de reconstituição digital não se focasse apenas no exterior. É fundamental realçar que o objectivo desta reconstituição em nenhuma instância foi encenar o interior mas sim apresentar um modelo tridimensional realista que demonstra-se não só a estrutura arquitectónica em si mas também as soluções arquitectónicas utilizadas, desde a configuração do corpo, portas, aparelho, telhado, entre outras.

Após a realização do modelo volumétrico procedemos à elaboração dos materiais PBR (physical based rendering). Foi necessário um estudo de materiais com base em paralelos, de modo a assegurar a fidelidade da proposta de reconstituição. Para este exemplo procedemos à captura de materiais de granito, estuque, madeira, pedra, ferro, barro, entre outras, tendo sempre em consideração elementos construtivos usuais para a época. Cada material foi criado através de fotogrametria, um processo que demorou cerca de 3 horas por material, desde o processamento das imagens até à execução da textura em si.

É ainda de referir o levantamento fotogramétrico realizado ao paralelo do portal da capela, também referido por Alexandre Alves, embora se tenha procedido à modelação deste portal através dos registos fotográficos disponíveis.

Por último utilizou-se a escala de evidência para explicar as escolhas aplicadas no modelo. Visto que foi uma proposta de reconstituição feita através de fotografias e paralelos excluimos de imediato a cor mais quente da escala (vermelho) pois esta reserva-se apenas ao existente. Como único paralelo tivemos o aparelho da porta (vermelho rosa). A estrutura arquitectónica em si foi criada a partir de documentos e material fotográfico, fornecendo uma representação fiel do corpo (laranja). O telhado exterior foi executado tendo em conta as imagens de referência (amarelo) enquanto que o sistema de suporte foi levantando seguindo as normas de construção da época (verde). Elementos como a porta, gradeamento e piso já abrangem um pouco do imaginário, servindo apenas como representação, mas tendo em conta vários paralelos históricos.

RECONSTITUIÇÃO DIGITAL: RESULTADOS E PROCESSOS

PROCESSO: Através dos dados recolhidos, nomeadamente das medições do interior da Capela patentes no já referido artigo de Alexandre Alves, procedeu-se à realização de uma planta em Autocad do que seria a Capela de Santa Cristina aquando da sua demolição em 1974. Igualmente, também se executaram os vários alçados que posteriormente seriam utilizados para a modelação 3D. Visto não serem fornecidas as medições do exterior, optou-se por adoptar a espessura de 30 cm para todos os panos murários, à excepção daquele onde se encontra o Arco Triunfal que se depreendeu ser de 60 cm a partir da dedução da medida da cabeceira e da nave à medida total do interior da capela.

A partir das poucas referências ao interior da capela, nomeadamente a fotografia do arco triunfal, imediatamente começamos a cruzar perspectivas e solução arquitectónicas de modo a que a proposta de reconstituição digital não se focasse apenas no exterior. É fundamental realçar que o objectivo desta reconstituição em nenhuma instância foi encenar o interior mas sim apresentar um modelo tridimensional realista que demonstra-se não só a estrutura arquitectónica em si mas também as soluções arquitectónicas utilizadas, desde a configuração do corpo, portas, aparelho, telhado, entre outras.

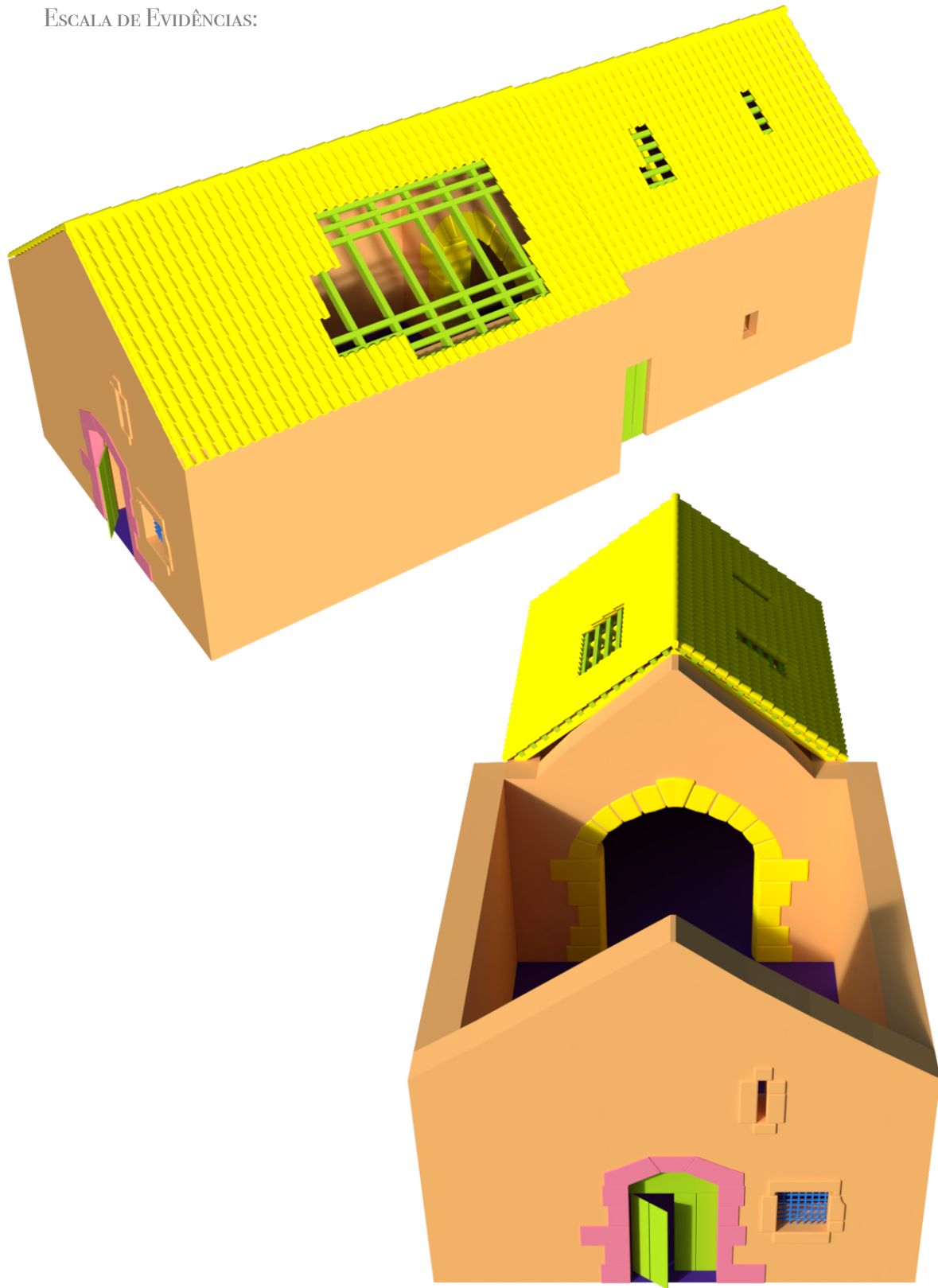
Após a realização do modelo volumétrico procedemos à elaboração dos materiais PBR (physical based rendering). Foi necessário um estudo de materiais com base em paralelos, de modo a assegurar a fidelidade da proposta de reconstituição. Para este exemplo procedemos à captura de materiais de granito, estuque, madeira, pedra, ferro, barro, entre outras, tendo sempre em consideração elementos construtivos usuais para a época. Cada material foi criado através de fotogrametria, um processo que demorou cerca de 3 horas por material, desde o processamento das imagens até à execução da textura em si.

É ainda de referir o levantamento fotogramétrico realizado ao paralelo do portal da capela, também referido por Alexandre Alves, embora se tenha procedido à modelação deste portal através dos registos fotográficos disponíveis.

Por último utilizou-se a escala de evidência para explicar as escolhas aplicadas no modelo. Visto que foi uma proposta de reconstituição feita através de fotografias e paralelos excluimos de imediato a cor mais quente da escala (vermelho) pois esta reserva-se apenas ao existente. Como único paralelo tivemos o aparelho da porta (vermelho rosa). A estrutura arquitectónica em si foi criada a partir de documentos e material fotográfico, fornecendo uma representação fiel do corpo (laranja). O telhado exterior foi executado tendo em conta as imagens de referência (amarelo) enquanto que o sistema de suporte foi levantando seguindo as normas de construção da época (verde). Elementos como a porta, gradeamento e piso já abrangem um pouco do imaginário, servindo apenas como representação, mas tendo em conta vários paralelos históricos.

RECONSTITUIÇÃO DIGITAL: RESULTADOS E PROCESSOS

ESCALA DE EVIDÊNCIAS:



**Apêndice 8 - Ficha Informativa para a Reconstituição Digital da Porta do Senhor
Crucificado da Muralha Quatrocentista.**

INFORMAÇÃO GERAL

DENOMINAÇÃO: **Porta do Senhor Crucificado**

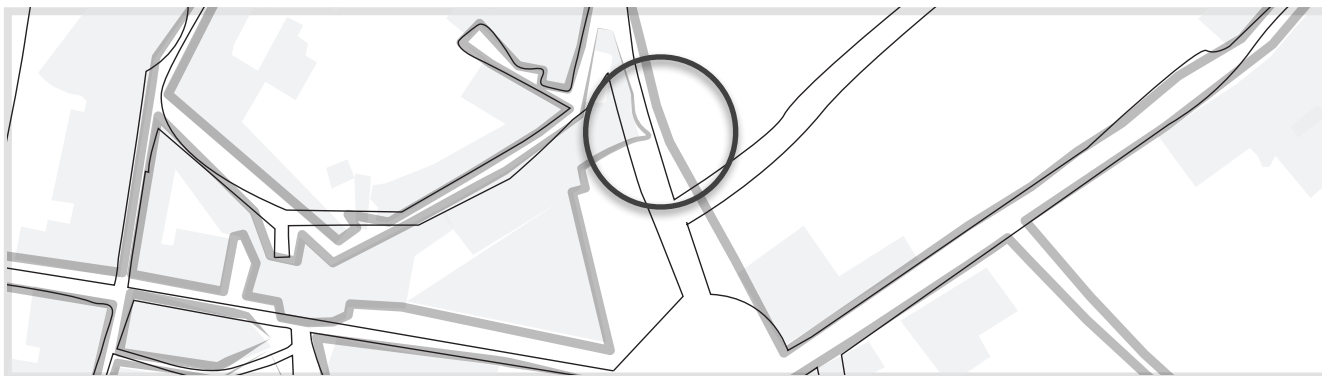
OUTRAS: Porta de Santa Cristina

TIPOLOGIA: Arquitetura Civil Defensiva

AFETAÇÃO: Concelho de Viseu

LOCALIZAÇÃO: Largo de Santa Cristina / Rua da Árvore
COORDENADAS GPS: 40°39'27.2"N 7°54'37.8"W

CRONOLOGIA GERAL: XV - 1814



IMPLEMENTAÇÃO & FUNÇÃO

IMPLEMENTAÇÃO: Urbana periférica

ORIENTAÇÃO: _____

ESPAÇOS ASSOCIADOS: Largo / Rossio de Santa Cristina
Chão de Mem Coutes (sensivelmente a atual rua do Chantre)
Rua da Carvoeira (atual rua da Carmo)

ORIGINAL: Porta de Muralha

OUTRAS: Varanda Privada

CRONOLOGIA

INÍCIO DA CONSTRUÇÃO: [inícios do século XV]

CONCLUSÃO: [finais do século XV]

CAMPANHAS DECORATIVAS: _____

ALTERAÇÕES ESTRUTURAIS: _____

REEDIFICAÇÃO: _____

INTERVENÇÕES: _____

DEMOLIÇÃO / DESTRUIÇÃO: 1814

OUTRAS DATAS: 1449/50 - Notícia da finalização dos troços da muralha que ligavam a esta porta
1577 - Todas as portas da cidade são encerradas devido aos surtos de peste que assolavam o país de modo a isolar a cidade e prevenir a contaminação
XVI/XVII - Construção de um edifício habitacional sobre a muralha e que confrontava com a porta

DESCRIÇÃO HISTÓRICA

A Porta do Senhor Crucificado era uma das sete portas da muralha quatrocentista de Viseu e constituía o acesso sudeste à cidade, tratando-se de uma das três portas secundárias, a par com a Porta da Nossa Senhora do Postigo (do Miradouro, da Senhora das Angústias ou da Traição) e a Porta de São Miguel (da Fonte do Carneiro).

A muralha de Viseu, requerida pelo concelho e pela população desde meados do século XIV, mesmo antes dos saques de 1372 e de 1396, só foi iniciada no último ano deste século por iniciativa do rei D. João I. A primeira notícia que se encontra sobre trabalhos na muralha data do início de 1401 e em meados deste século finalizam-se os primeiros troços nas imediações da Regueira, sensivelmente a atual rua João Mendes, e da antiga rua da Carvoeira, hoje rua do Carmo, em meados do século XV (Saraiva, 2009: 345).

A construção foi morosa e foram várias as queixas do município de Viseu em cortes sobre a contínua desprotecção da cidade, nomeadamente nas cortes de Lisboa de 1439, nas cortes de Santarém de 1451 e nas cortes da Guarda de 1465 (Saraiva, 2009: 344-347). A finalização da muralha só acontece quase um século depois do início dos trabalhos, a partir da década de 80 do século XV. Contudo, em meados do século seguinte, ainda o concelho manifestava preocupação com o estado da muralha, requerendo autorização à Infanta Dona Maria, última Senhora e Duquesa de Viseu, para lançar uma finta de modo a conseguir recursos para trabalhos na muralha (Vale, 1969). Porém não é certo que género de trabalhos a muralha necessitava, se realmente ainda haveria troços por concluir ou se já se encontrava degradada.

No que diz respeito à edificação da Porta do Senhor Crucificado não há nenhuma cronologia atribuída, não havendo dados específicos sobre a sua construção ou a sua estrutura. No entanto, e tendo em atenção as notícias disponíveis sobre a finalização de alguns troços da muralha, crê-se que terá sido concluída em meados do século XV a par com a finalização dos troços da muralha em que se inseria. Trata-se do troço que seguiria o traçado da atual rua do Carmo, antiga rua da Carvoeira e que ligava à Porta de Cimo de Vila ou de São José, e na baixa da Regueira, o qual seguiria sensivelmente o traçado da atual avenida Capitão Silva Pereira (Saraiva, 2009: 345). Assim, havendo notícia de que se procediam aos trabalhos de conclusão deste troço entre 1449 e 1450, a construção da Porta do Senhor Crucificado possivelmente terá acontecido por volta destes anos.

Em termos de dedicação, sendo cada uma das portas da cidade dedicada quer a santos quer à Virgem, a Porta do Senhor Crucificado, como a designação indica, é a única com uma dedicação cristológica.

A nível funcional nunca foi utilizada por motivos militares, nunca tendo a cidade sido atacada após a construção da muralha, mas foi fechada e vigiada durante os surtos de pestes, pelo menos no de 1577 (Vale, 1969).

A demolição da porta terá acontecido simultaneamente à das restantes, ordenada pelo Concelho de Viseu a 5 de Outubro de 1814 devido ao constrangimento que representavam para a circulação viária. Não é claro se se terá procedido à demolição logo neste momento e se algum dos silhares das portas demolidas terá sido conservado ou reutilizado.

DIMENSÕES

DIMENSÃO TOTAL: _____

OUTRAS: _____

LARGURA 4,20 m

ALTURA _____

ESPESSURA _____

DIMENSÃO DOS SILHARES: _____

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS ARQUITETÓNICAS

Nº DE NAVES: _____

CONFESSIONÁRIO _____

Nº DE ALTARES: _____

CLAUSTRO _____

Nº DE JANELAS: _____

TERREIRO _____

GALILÉ: _____

CORO: _____

CONFRONTAÇÕES _____

CAMPANÁRIO: _____

<

PÚLPITO: _____

BAPTISTÉRIO: _____

SACRISTIA: _____

DESCRIÇÃO ARQUITETÓNICO-ARTÍSTICA

A estrutura da Porta do Senhor Crucificado é conhecida somente através de uma aguarela de J. Maria de Almeida, indicada por Alexandre Lucena e Vale na sua obra *Viseu Monumental e Artístico*, que representa a vista extramuros da porta com as torres da Sé como pano de fundo. A localização, título e datação da obra são desconhecidas, não tendo sido possível encontrar nenhuma referência à sua existência para além da já referida. Foi realizada uma pesquisa sobre o artista, só se tendo encontrado um pintor com o referido nome, José Maria de Almeida, nascido em 1906 na Beira Alta e que mais tarde emigrou para o Brasil, onde fez carreira. No entanto, caso realmente este seja o autor da representação da Porta do Senhor Crucificado, a sua autenticidade como documento visual da porta fica comprometida pois todas as portas foram demolidas, à exceção das duas que subsistem, na primeira metade do século XIX. Terá o artista idealizado a porta de acordo com os vestígios do arranque do arco e o nicho que ainda hoje se observam? Ou terá a Porta do Senhor Crucificado sido demolida noutra data e não como as restantes, pouco depois de 1814? Não obstante, a estrutura representada na aguarela é idêntica aos vestígios que ainda hoje subsistem, nomeadamente o nicho e a Casa dos Lemos e Sousa construída sobre a muralha, tal como se assemelha à Porta do Soar, uma das conservadas.

A porta seria, então, constituída por um arco apontado mas com perfil superior reto, na face exterior do qual sobressaía o escudo de Portugal encimado por uma coroa, semelhante àquele que ainda hoje se observa na face extramuros da Porta do Soar. Ainda hoje é possível observar os arranques do arco neste local, tanto do lado da casa construída sobre a muralha como da quinta da Casa da Prebenda. Já dentro do terreno desta última, encontram-se vestígios de uma escadaria, que se crê, que daria acesso ao passeio de ronda, o qual também explicará o perfil recto do arco, sobre o qual este passeio continuaria pela muralha.

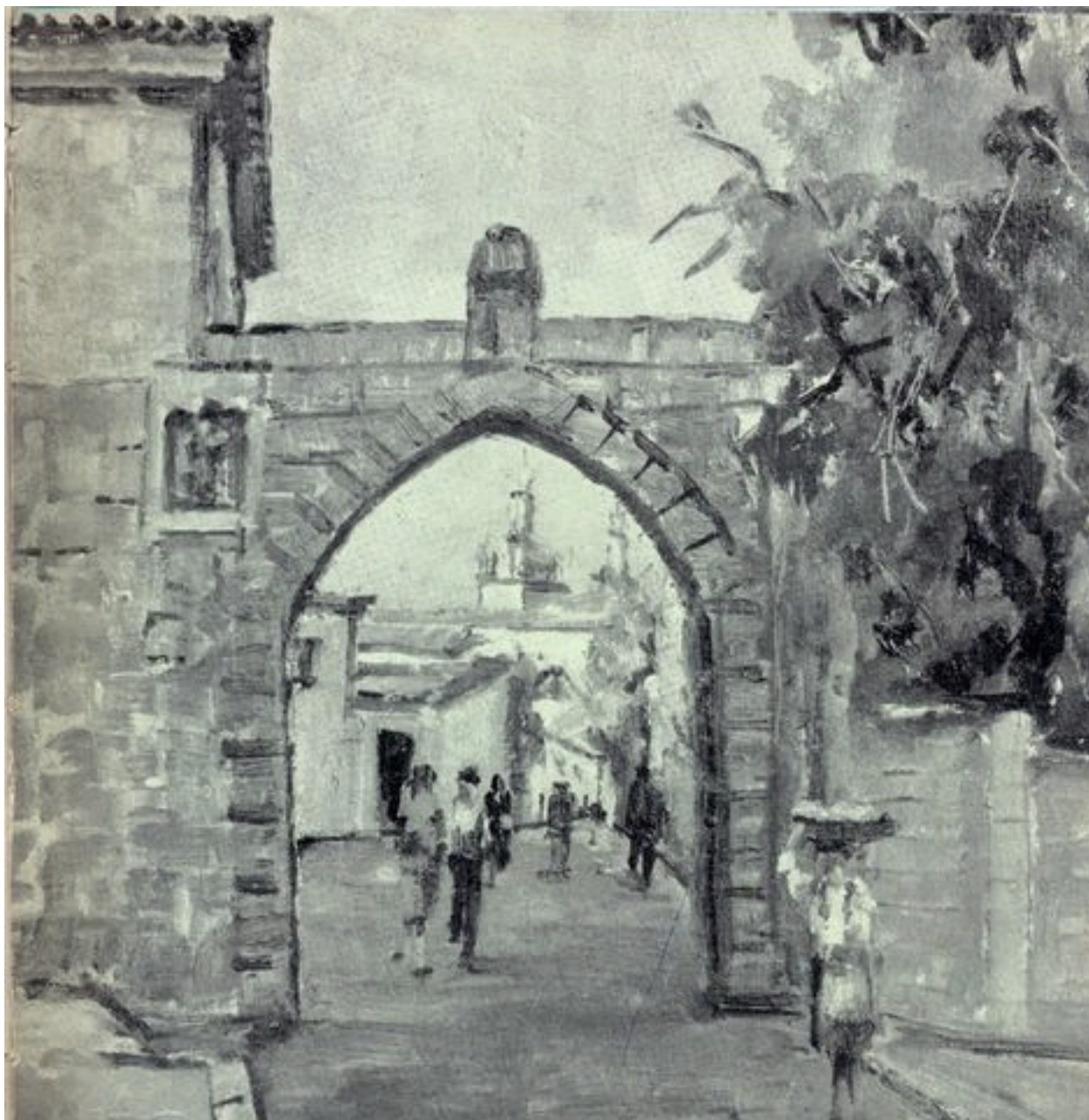
O elemento mais simbólico da porta e que ainda se conserva é o nicho de recorte sensivelmente trilobado, incluído no pano de muralha sobre o qual foi construída uma casa de datação pouco precisa, possivelmente edificada em meados do século XVI pelo cônego Henrique de Lemos e com beneficiações na Época Moderna. Sobre a imagem que em tempos o habitava pouco se sabe, somente que se trataria de um Cristo crucificado, de acordo com a dedicação da porta ao senhor crucificado e ao facto de as restantes portas ostentarem imagens correspondentes à sua dedicação, como ainda se

observa nas que subsistem, a do Arco e a do Soar (Mouta, 1968: 284)

Pouco mais se consegue deduzir da informação disponível e da aguarela, só que à época desta última já a quinta da Casa da Prebenda se encontrava delimitada por um muro, o que ainda hoje permanece tal como a vegetação no seu interior, também visível na aguarela.

Durante o processo de reconstituição virtual, nomeadamente ao sobrepor o modelo fotogramétrico da Porta do Soar ao modelo fotogramétrico dos vestígios da Porta do Senhor Crucificado, tornou-se notória a semelhança estrutural que as duas portas deveriam ter. O arranque do arco da Porta do Soar coincide com os vestígios do arranque da Porta do Senhor Crucificado, deduzindo-se que ambas as portas resultem da mesma campanha de obras e que tenham seguido o mesmo projeto. Deste modo, mesmo que o autor responsável pela aguarela não tenha tido contacto direto com a Porta do Senhor Crucificado antes da sua demolição e, realmente, se tenha inspirado na Porta do Soar para re-imaginar esta porta, a obra pictórica não perde a sua relevância enquanto documento visual da Porta do Senhor Crucificado, visto que realmente as duas portas seriam muito semelhantes.

REGISTOS VISUAIS



Aguarela da autoria de J. Maria de Almeida, reproduzida na obra *Viseu Monumental e Artístico* da autoria de Alexandre Lucena e Vale.

REGISTOS FOTOGRÁFICOS



Casa dos Lemos e Sousa sobre o pano da antiga muralha e a rua da Árvore vista a partir do largo de Santa Cristina, destacando-se o nicho e o arranque da antiga Porta do Senhor Crucificado.



A rua da Árvore com a Casa dos Lemos e Sousa à esquerda e o muro do quintal da Casa da Prebenda à direita a partir do largo de Santa Cristina.

REGISTOS FOTOGRÁFICOS



Em cima: pormenor do arranque do antigo arco da Porta e pormenor do muro defronte
Em baixo: vista geral do local onde estaria a Porta a partir do interior da rua da Árvore

REGISTOS FOTOGRÁFICOS



Face extramuros da Porta do Soar.

REGISTOS FOTOGRÁFICOS



Em cima: pormenor do escudo de armas e da inscrição e a vista intramuros da Porta do Soar
Em baixo: pormenor do encaixe da porta do arco da Porta do Soar

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS, GRÁFICAS & FOTOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA:

Saraiva, Anísio - “Viseu no rasto da guerra: dos conflitos fernandinos à paz definitiva com Castela”. In *A Guerra e a Sociedade na Idade Média. Actas das VI Jornadas Luso-Espanholas de Estudos Medievais*. Vol. 1. [Torres Novas]: SPEM, 2009. p. 351-352

ARAGÃO, Maximiniano de - *Vizeu, apontamentos históricos*. Tomo I e II. Viseu: Typographia Popular, 1894.

GIRÃO, Aristides de Amorim - *Viseu: estudo de uma aglomeração urbana*. Coimbra: Coimbra Editora, 1925.

Vale, A. de Lucena - *Livro dos Acordos de 1534 da Cidade de Viseu*. Porto: Câmara Municipal de Viseu, 1945.

Mouta, J. H. - “Panorâmica e Dinâmica de Viseu Medieval “. IN *Beira Alta*, vol. XXVII, fasc. 2, 1968.

1480 (12 de Fevereiro, Viseu) ADVIS, pergaminhos, s/m, n. 44

1488 (16 de Abril, Viseu) ADVIS, pergaminhos, s/m, n. 329

1526 (5 de Novembro, Viseu) ADVIS, pergaminhos, s/m, n. 92

DOCUMENTAÇÃO GRÁFICA:

J. Maria de Almeida, “Porta do Senhor Crucificado”, [s.d.]. In Vale, Alexandre de Lucena e - *Viseu Monumental e Artístico*. Viseu: Junta Distrital de Viseu, 1949.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA:

RECONSTITUIÇÃO DIGITAL: RESULTADOS E PROCESSOS

RESULTADOS:



LINK ACESSO: <https://sketchfab.com/Desvendar>

RECONSTITUIÇÃO DIGITAL: RESULTADOS E PROCESSOS

RESULTADOS:



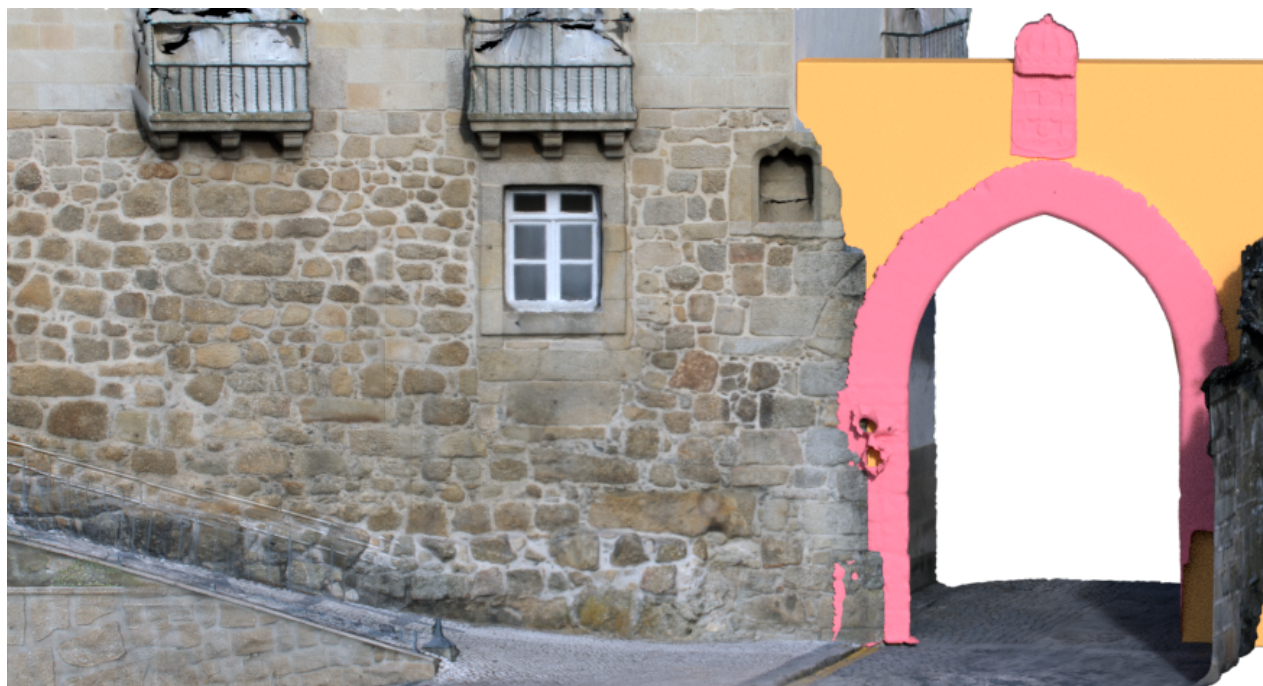
RECONSTITUIÇÃO DIGITAL: RESULTADOS E PROCESSOS

PROCESSO: Após a recolha documental, durante a qual só se identificou a já mencionada aguarela, procedeu-se ao levantamento fotogramétrico dos vestígios da Porta ainda presentes no cruzamento da rua da Árvore com o largo de Santa Cristina. Também se executou um levantamento fotogramétrico da Porta do Soar, o paralelo mais próximo do que seria a Porta do Senhor Crucificado, com particular enfoque na pedra de armas que, de acordo com a aguarela, seria idêntico.

Posteriormente, procedeu-se à junção dos modelos fotogramétricos da Porta do Soar e dos vestígios da Porta do Senhor Crucificado que, como já referido, coincidiram. Acrescentando-se a pedra de armas ao modelo também a partir de um levantamento fotogramétrico daquela patente na Porta do Soar.

Quanto ao passeio de ronda, do qual não temos registo nem vestígios, reconstitui-se com um metro de largura de acordo com as medidas padrão apresentadas por Mário Barroca para estruturas defensivas medievais.

ESCALA DE EVIDÊNCIAS:



MENOR EVIDÊNCIA

MAIOR EVIDÊNCIA

Apêndice 9 - Mapa Ilustrativo da História Urbana Viseense

9.1

Mapa Base da Cidade de Viseu -
Malha urbana atual sobre a malha urbana e
massa edificada do século XIX



Link de Acesso aos Ficheiros com Alta Qualidade:

[https://www.dropbox.com/sh/44rrvp8z5m8eeie/
AAAUgvhHDe1ETBJw2K1hV021a?dl=0](https://www.dropbox.com/sh/44rrvp8z5m8eeie/AAAUgvhHDe1ETBJw2K1hV021a?dl=0)



Arquitetura Religiosa



Arquitetura Habitacional



Arquitetura Hospitalar



Arquitetura da Água



Presença Judaica

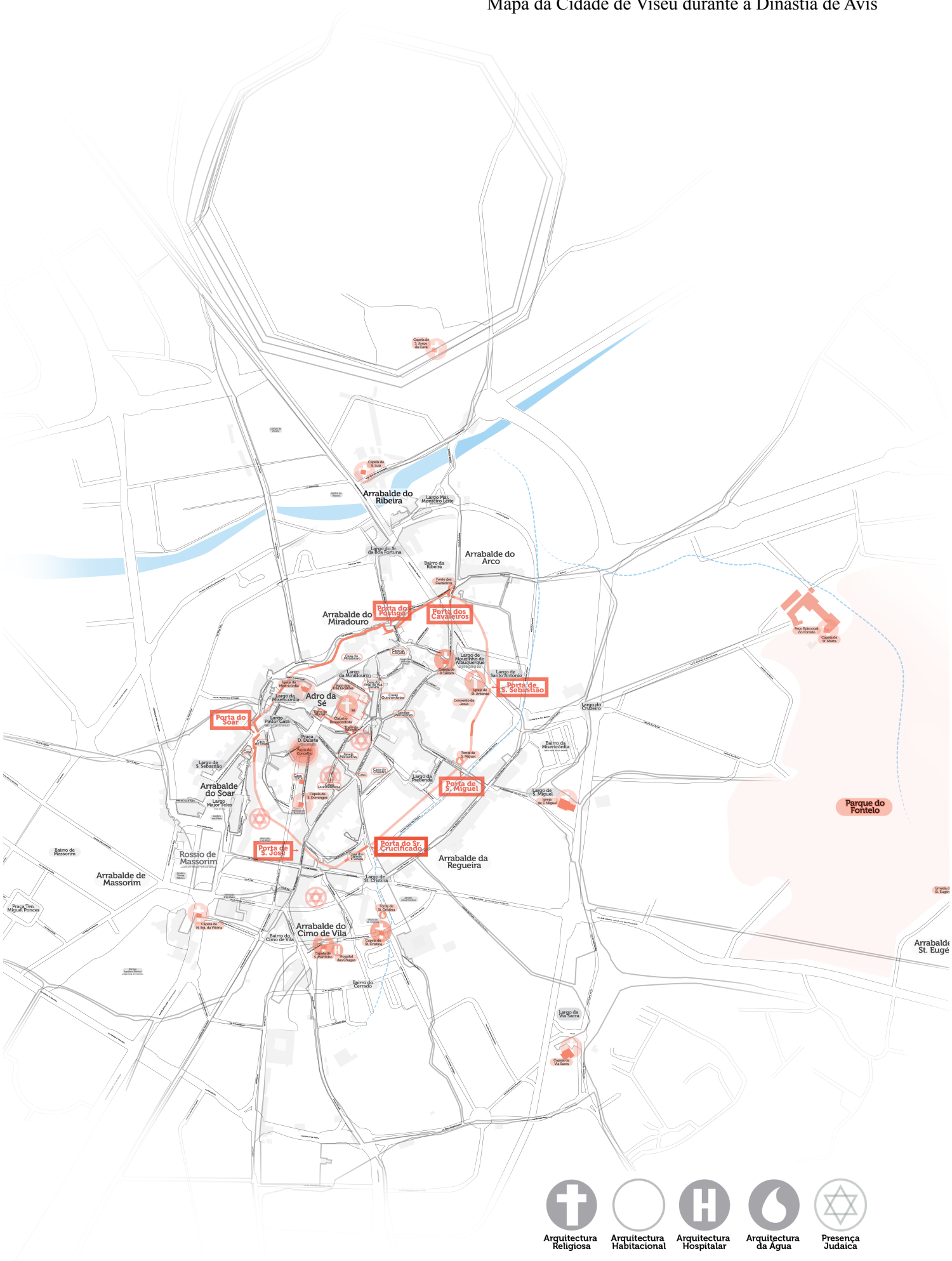


Mapa da Cidade de Viseu durante o domínio Islâmico

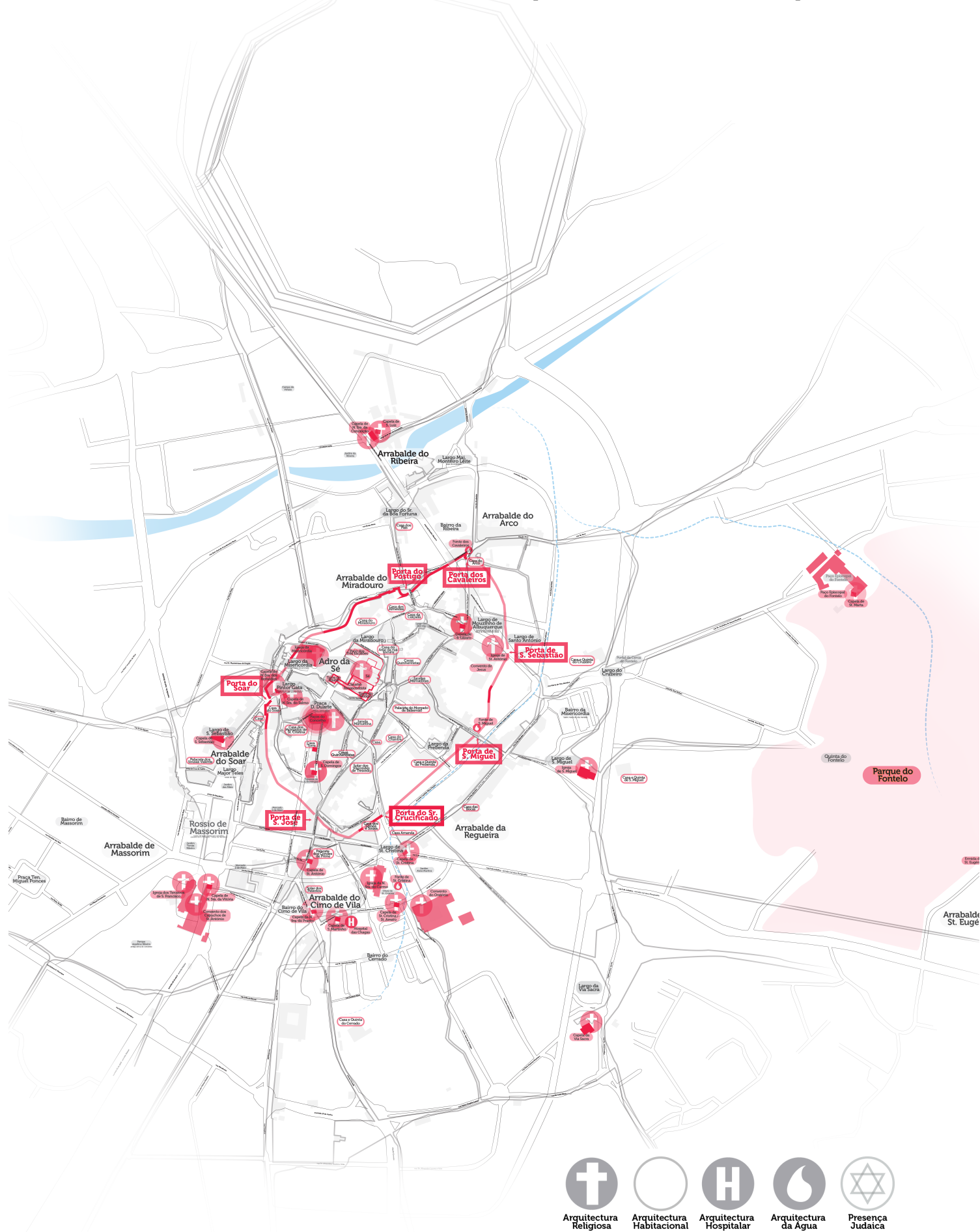








9.8
Mapa da Cidade de Viseu durante a Época Moderna



Arquitetura Religiosa



Arquitetura Habitacional



Arquitetura Hospitalar



Arquitetura da Água



Presença Judaica

